PALESTRAS

POR

KRISHNAMURTI

EM OJAI E SAROBIA — 1940

1943

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco, 117-2.º Andar, Sala 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL

PALESTRAS

POR

KRISHNAMURTI

EM OJAI E SAROBIA

1940

1943
Instituação Cultural Krishnamurti
AVENIDA RIO BRANCO, 117-2.º - SALA 203
RIO DE JANEIRO
BRASIL

PALESTRAS EM OAK GROVE, OJAI
1 9 4 0

I

O mundo está sempre em dor, em confusão; tem sempre este problema da luta e da tristeza. Tornamo-nos concientes deste conflito, desta dor, quando nos afeta pessoalmente, ou quando se acha muito próximo de nós, como presentemente. Os problemas da guerra existiam antes, mas, nós, em maioria, não nos preocupávamos com eles por se encontrarem distantes, sem nos afetarem pessoal e profundamente; hoje, porém, a guerra se encontra à nossa porta e parece dominar a mente da maioria das pessoas.

Não responderei às perguntas que devem inevitavelmente surgir quando alguém se encontra imediatamente preocupado com os problemas da guerra, qual a atitude e a ação que se deveria adotar em relação a ela e assim por diante. Mas, talvez possamos trocar idéias sobre um problema muito mais profundo, pois a guerra é somente

uma manifestação externa da confusão e da luta internas de ódio e de antagonismo. O problema que deveríamos discutir, que está sempre presente, é o do indivíduo e de suas relações com os demais, o que constitue a sociedade. Se pudermos compreender este complexo problema, talvez possamos então evitar as muitas causas que finalmente conduzem à guerra. A guerra é um sintoma, ainda que violento e doentio, e tratar-se da manifestação externa, sem levar em consideração as suas causas mais profundas, é futil e sem propósito; modificando fundamentalmente as causas, talvez possamos produzir uma paz que não seja destruida pelas circunstâncias externas.

Somos inclinados, em maioria, a supor que, por meio da legislação, da mera organização, ou pela orientação de um chefe, os problemas da paz e da guerra e outros problemas humanos possam ser resolvidos. Como não queremos ser, individualmente, responsaveis por essa agitação interna e externa em nossas vidas, procuramos autoridades, grupos e ação coletiva. Por meio desses métodos exteriores poder-se-á chegar a uma paz temporária, porém o indivíduo só poderá atingir essa paz duradoura, permanente, quando se compreender a si próprio e as suas relações com os outros, o que constitue a sociedade .A paz reside em nosso íntimo e não no exterior; só pode haver paz e felicidade no mundo quando o indivíduo — que é o mundo —

resolver definitivamente alterar as causas existentes em seu próprio íntimo, as quais produzem a confusão, a tristeza, o ódio, etc. Desejo tratar dessas causas e da maneira de as modificar, profunda e permanentemente.

O mundo que nos cerca está em movimento e mutação constantes; há tristeza e dor incessantes. No meio desta mutação e conflito, podem existir paz e felicidade duraveis, independentes de todas as circunstâncias? Esta paz e felicidade podem ser descobertas, extraídas de quaisquer circunstâncias em que se encontre o indivíduo. No decorrer destas palestras tentarei explicar como podemos experimentar conosco mesmos e assim libertar o pensamento das limitações auto-impostas. Mas, cada um deve experimentar e viver intensamente e não apenas viver de ações e frases superficiais.

Esta sincera experimentação deve principiar por nós próprios, em cada um de nós, e é inutil simplesmente alterar as condições exteriores sem uma profunda modifcação interna. Porque, assim como é o indivíduo, assim é a sociedade; as suas relações com outrem constituem a estrutura social da sociedade. Não podemos criar uma sociedade pacífica, inteligente, se o indivíduo é intolerante, brutal e competidor. Se o indivíduo é desprovido de bondade, de afeição, de sensatez, em suas relações com os demais, deve, inevitavelmente, produzir conflito, anta-

gonismo e confusão. A sociedade é a extensão do indivíduo; a sociedade é a projeção de nós mesmos. Até conseguirmos isto e compreendermos profundamente a nós próprios, alterandonos radicalmente, a simples modificação do exterior não criará paz no mundo, nem produzirá nele esta tranquilidade que é necessária às relações sociais felizes.

Assim, não pensemos somente em alterar o ambiente; isto deverá produzir-se se toda a nossa atenção for dirigida para a transformação do indivíduo, de nós próprios e das nossas relações com os demais. Como podemos ter fraternidade no mundo, se formos intolerantes, se tivermos ódio e formos gananciosos? Isto, certamente, é evidente, não é assim? Se cada um de nós for movido por uma ambição destruidora, lutando pelo sucesso, procurando a felicidade nas coisas, criaremos, sem dúvida, uma sociedade caótica, cruel e destrutiva. Se todos aquí compreendermos e concordarmos profundamente neste ponto, que o mundo somos nós e o que formos será o mundo, poderemos então prosseguir em pensar como produzir a necessária mudança em nós próprios. Enquanto não concordarmos neste fato fundamental, mas apenas nos dirigirmos ao ambiente para obter a nossa paz e felicidade, ele assume essa importância imensa que não possue, porque nós criamos o ambiente, e, sem modificação radical

em nós mesmos, ele se torna uma prisão intoleravel. Apegamo-nos ao ambiente na espectativa de encontrar nele segurança e continuidade da auto-identificação e, assim, resistimos a toda modificação de pensamento e de valores. Mas a vida é um movimento contínuo e, por isso, existe conflito constante entre o desejo que deve sempre se tornar estático e essa realidade que não tem morada fixa.

O homem é a medida de todas as coisas, e se a sua visão estiver pervertida, então o que ele pensar e criar deve, inevitavelmente, conduzir ao desastre e à tristeza. Com o que pensa e sente o indivíduo constrói a sociedade. Pessoalmente, sinto que o mundo sou eu mesmo, que aquilo que faço cria a paz ou a tristeza no mundo que eu sou, e, enquanto não me compreender a mim mesmo, não poderei trazer a paz ao mundo; assim, a minha preocupação imediata sou eu mesmo, não egoisticamente, não só com o propósito de modificar-me afim de obter maior felicidade, maiores sensações, maior sucesso, pois enquanto não me comprender a mim próprio, devo viver em dor e tristeza e não posso descobrir paz e felicidade duradouras.

Para nos compreendermos, devemos, antes de tudo, estar interessados na descoberta de nós próprios, devemos ficar atentos em relação ao nosso próprio processo de pensar e de sentir. Com o que estão relacionados, principalmente,

os nossos pensamentos e sentimentos? Ocupam-se de coisas, de pessoas e de idéias. São estas as coisas fundamentais em que estamos interessados — coisas, pessoas, idéias.

Ora, por que é que estas coisas assumiram tão imensa importância em nossas vidas? Porque coisas, propriedades, casas, roupas, etc., ocupam lugar tão preponderante em nossas vidas? É porque simplesmente delas necessitamos, ou porque dependemos delas para a nossa felicidade psicológica? Todos necessitamos de vestuário, alimento e abrigo. Isto é óbvio. Mas porque estas coisas assumiram tão tremenda importância, tão tremenda significação? As coisas assumem tal valor e significação desproporcionais porque dependemos delas, psicologicamente, para o nosso bem-estar. Elas nutrem a nossa vaidade; dão-nos prestígio social; fornecem-nos os meios de obtermos poder. Empregamo-las com o propósito de conseguir fins diversos dos que elas em si próprias significam. Necessitamos de alimento, vestuário, abrigo, o que é natural e não pervertedor, mas, quando dependemos das coisas para a nossa satisfação, quando as coisas se transformam em necessidades psicológicas, assumem valor e importância inteiramente desproporcionais e daí a luta e o conflito para possuir, e os vários meios de conservar essas coisas de que dependemos.

Fazei-vos esta pergunta: Dependo das coisas

para minha felicidade e satisfação psicológica? Se procurardes, sinceramente, responder a esta aparentemente simples pergunta, descobrireis o complexo processo do vosso pensamento e sentimento. Se as coisas são uma necessidade física, ponde nelas, então, uma inteligente limitação; elas não assumem essa importância opressora que teem quando se tornam uma necessidade psicológica. Desta maneira, principais a compreender a natureza da sensação e da satisfação; pois a mente, que deseja compreender a verdade, precisa estar livre de tais limitações. Para libertardes a mente da sensação e da satisfação, deveis principiar pelas sensações que vos são familiares e aí se encontra a base correta para o entendimento. A sensação tem o seu lugar, e, sendo compreendida, ela não assume a estúpida deformação que tem agora.

Muitos pensam que se as coisas do mundo fossem bem organizadas, de modo que todos tivessem bastante delas, o mundo seria feliz e pacífico, mas receio que isto não acontecerá, se individualmente não compreendermos o seu verdadeiro significado. Dependemos das coisas porque somos pobres internamente e cobrimos essa pobreza do nosso ser com coisas, e essas acumulações externas, essas posses superficiais, tornam-se tão vitalmente importantes que por elas estamos dispostos a mentir, a fraudar, a lutar e a destruir-nos uns aos outros. Pois as

coisas são meios para alcançar o poder, a auto-glorificação. Sem entendermos a natureza dessa pobreza interna do nosso ser, a mera mudança da organização, para uma equitativa distribuição das coisas, embora necessária, criará outros meios e modos de ganhar poder e auto-glorificação.

Estamos, em maioria, interessados em coisas e, para compreendermos as nossas verdadeiras relações com elas, é necessário inteligência. Não é ascetismo nem aquisividade, não é renúncia nem acúmulo, mas um apercebimento livre e inteligente das necessidades, sem essa dependência aguilhoante das coisas. Quando entenderdes isto não haverá a tristeza de ceder nem a dor da luta competitiva. Somos capazes de examinar criticamente e entender a diferença entre as nossas necessidades e a dependência psicológica das coisas? Não respondereis esta pergunta dentro desta hora. Somente a respondereis se estiverdes persistentemente atentos, se o vosso propósito é firme e claro.

Certamente, podemos começar a descobrir qual é a nossa relação com as coisas. É baseada na cubiça ou não? Mas, quando a necessidade se transforma em cubiça? Não é ganância quando o pensamento, percebendo a sua própria vacuidade, a sua própria falta de valor, começa a revestir as coisas de uma importância maior do que o seu próprio valor intrínseco e, por isso,

cria uma dependência delas? Esta dependência pode produzir uma espécie de coesão social, mas nela há sempre conflito, dor e desintegração. Devemos tornar claro o nosso processo de pensamento e podemos fazer isso se, em nossa vida diária, nos tornarmos concientes dessa cubiça, com os seus terriveis resultados. Este apercebimento da necessidade e da cubiça auxiliará a estabelecer os fundamentos verdadeiros do nosso pensamento. A ganância, sob uma ou outra forma, é sempre a causa do antagonismo, do cruel ódio nacional e das brutalidades sútis. Se não compreendermos e lutarmos gananciosamente, como pederemos entender, então, a realidade que transcende todas essas formas de luta e de tristeza? Devemos principiar conosco mesmos, com a nossa relação para com as coisas e as pessoas. Referí-me em primeiro lugar às coisas, porque nós, em maioria, nos preocupamos com elas. Para nós são de tremenda importância. Fazem-se as guerras por causa das coisas e os nossos valores sociais e morais teem-nas por base. Sem compreendermos o complexo processo da ganância não compreenderemos a realidade.

Pergunta: Estamos em perigo iminente de ser envolvidos na guerra. Por que não nos dá algumas sugestões concretas sobre a maneira de lutarmos contra ela?

K r i s h n a m u r t i : Há realmente apenas uma guerra, a guerra no nosso íntimo e que produz as guerras externas. O que me importa é a guerra que está no nosso íntimo. Se pudermos compreender e transcender, inteligentemente, esta guerra dentro de nós, então talvez haja paz no mundo. Digo talvez, porque só pode haver paz no mundo quando cada um de nós for integralmente pacífico. Podemos ter essa paz integral no nosso íntimo se estivermos aguda e inteligentemente apercebidos. O conflito que cria este ódio está dentro de vós próprios, e este é o vosso primeiro problema. Se estiverdes empenhados em resolvê-lo, sabereis o que é esta tranquilidade; mas, apenas receber sugestões e instruções dadas por outrem, sobre o que deverieis fazer em tais ou quais circunstâncias, não produz paz. Grande inteligência e profundo entendimento, não meras asserções, nem a aceitação cega de qualquer teoria, mas contínuo apercebimento, constante indagação, com delicadeza e cuidado, criarão no nosso íntimo paz duradoura. Assim, a nossa primeira tarefa é conosco mesmos, pois o mundo é o prolongamento de nós mesmos. Procuramos alterar a circunferência sem modificar fundamentalmente o centro; preocupamo-nos com a periferia, sem compreender o cerne. Quando houver paz no centro existirá então a possibilidade dela no mundo.

Pergunta: Por favor, explicai mais amplamente em que sentido empregais a palavra "sensação"?

Krishnamurti: O processo de viver é, em parte, sensação: ver, provar, tocar, pensar, etc. Se procurarmos o prazer através da sensação, ou utilizarmos a sensação para aumentar a satisfação, então o pensamento se torna escravo do desejo. Há uma espécie de satisfação psicológica em possuir e em ser possuido. Quando a sensação da posse é satisfeita, então o pensamento procura outros tipos de sensação e prazer e, assim, muda continuamente o seu objeto de satisfação, até que a realidade, imaginada como uma forma de prazer que se espera, seja permanente. O constante desejo de sensações, cada vez maiores, deve, inevitavelmente, conduzir à dor e à tristeza; nem sempre percebemos isto e anseiamos por uma sensação duradoura, uma segurança final em uma idéia, pessoa ou coisas. Esta ansia por uma finalidade é o resultado de uma série de satisfações e desilusões, mas o desejo pela permanência é ainda uma forma de sensação e satisfação. Se cada um de nós puder entender o processo da sensação e prazer em relação, digamos, às coisas, então começaremos a estar apercebidos de quando as necessidades se tornam meios de maior satisfação,

e perceberemos que a persecução de maior satisfação é cupidez. Esta inteligente percepção ou apercebimento põe um limite natural à sensação, sem o conflito do controle. Assim, sem compreendermos, profunda e completamente, o processo da sensação e dos desejos transbordantes, se tentarmos procurar a realidade, a paz, a felicidade, então o que poderemos achar, embora lhe chamemos o eterno etc., será apenas o resultado do prazer e ansiedade e, por conseguinte, não o real.

P e r g u n t a : *Qual é o caminho mais sábio a tomar afim de entendermo-nos, a nós próprios, da maneira mais despida de egoismo?*

K r i s n a m u r t i : Pensais que há duas maneiras de nos compreendermos a nós mesmos, egoística e inegoisticamente? Comprendeis simplesmente, não egoística ou inegoisticamente. Se tentardes compreender-vos egoisticamente, não vos compreendereis de modo algum, porque o vosso ser faz parte do Eu. Se vos disserdes: preciso compreender-me inegoisticamente, estareis pressupondo uma condição; estareis estabelecendo um conceito que pode ser completamente falso. Assim, para vos compreenderdes deveis ver-vos como sois, não influenciados pelo pen-

samento egoista ou inegoista. Para compreender-vos, deveis criar um espelho que reflita claramente o que sois. Não nos apraz criar para nós mesmos semelhante faculdade que reflita puramente, sem preconceitos, pois estamos interessados no julgamento e na modificação. A modificação depende do meio em que fomos educados. Se formos pessoas religiosas, modificar-nos-emos de conformidade com os nossos conceitos e dogmas religiosos. Se pensarmos em termos sociais, modificar-nos-emos de acordo com a moralidade social. Mas, para nos compreendermos, clara e plenamente, devemos perceber-nos como somos, sem preconceitos, sem condenação. A percepção assim, clara, sem preconceitos, requer vigilância constante, uma peculiar passividade alerta, que necessita de paciência e cuidado. Mas isto é dificil, porque nós, em maioria, somos arrastados, pelas nossos sensações e desejos; queremos conservar, acumular o que em nós é agradavel e rejeitar o que é desagradavel. O desejo de manter e o desejo de recusar não conduzem ao entendimento de vós mesmos; mas quando vos virdes claramente, sem nenhuma deformação, então começareis a descobrir porque ocorreu a deformação. Então principiareis a descobrir a causa, e isto tambem requer vigilância penetrante e sério interesse. No processo de vos compreenderdes não deve a mente estar sobrecarregada pela ansiedade, por mais sutil que

seja, por um resultado. Se estiverdes procurando um resultado, então não estais interessados no processo de vos compreenderdes; procurais o ganho, a consecução, o sucesso que tem a sua própria tristeza e recompensa. Para vos compreenderdes, deveis ter mente-coração clara, sem temor, sem os embaraços da esperança.

P e r g u n t a : Como pode alguem modificar-se sem criar resistência?

K r i s h n a m u r t i : Na própria idéia de modificarmo-nos está implícito um padrão preconcebido que impede o entendimento crítico. Se tendes uma idéia preconcebida do que desejais ser, do que deverieis ser, então, por certo, o vosso apercebimento do que sois não é crítico, pois estais, assim apenas interessado em concordar ou recusar. Queremos ser isto ou aquilo, e, por isso, somos incapazes de exame realmente crítico do que somos e, assim, quando nos modificamos de acordo com o que desejamos ser, estamos empenhados em criar resistências e, deste modo, não ocorre absolutamente nenhuma fundamental modificação.

Ao invés de estarmos interessados na modificação que deverá ocorrrer em nós mesmos, vejamos se temos idéias preconcebidas sobre o que

deveríamos ser. Desde que as tenhamos, a nossa atenção deverá dirigir-se para a pesquisa de como e porque elas surgiram. Se perquirirmos seriamente, verificaremos que o mêdo cria vários padrões, idéias preconcebidas sobre nós mesmos e sobre o que deveríamos ser. Sem esses preconceitos, o que sois? E, assim, tendo conceitos e imagens do que deverieis ser, vos esforçais por elas, o que somente deforma a vossa compreensão crítica de vós próprios, criando, assim, resistências. Mas, se sois capazes de vos ver tal como sois, então há possibilidade de modificação radical, que não é produzida pela comparação. Toda modificação comparativa é apenas uma mudança na resistência.

Pergunta: O que pensais sobre uma escola para crianças? É uma necessidade atual.

Krishnamurti: Isto não é apenas uma necessidade atual, mas de todos os tempos. Ela se torna importante e imediata quando temos os nossos próprios filhos e as circunstâncias são críticas. As circunstâncias são sempre críticas para os refletidos. Se os pais, os tutores, estão, eles próprios, em confusão, como podem estabelecer escolas em que as crianças possam ser educadas sem confusão, sem ódio e sem

ignorância? Certamente, isto é de novo o mesmo velho problema, não é isso? que deveis principiar convosco mesmo e, em consequência do vosso interesse, criareis ou ajudareis a criar escolas, nas quais possa crescer uma geração que não seja limitada pelo mêdo e pelo ódio.

26 de Maio de 1940.

II. PALESTRA

Explicarei brevemente aos que hoje vieram aquí, pela primeira vez, o que conversamos no domingo passado. Aqueles, dentre vós, que acompanham estas palestras com sinceridade, não devem ficar impacientes, pois estamos procurando pintar com palavras, do melhor modo possivel, a mais completa imagem da vida. Precisamos entender a imagem toda, a atitude íntegra para com a vida, e não apenas em relação a uma parte dela.

Disse, na última semana, que não haverá paz nem felicidade no mundo a não ser que nós, como indivíduos, cultivemos aquela sabedoria que produz imediata tranquilidade. Muitos pensam que, sem considerar sua própria natureza interna, sua própria clareza de desígnios, sua compreensão criadora, apenas alterando ligeiramente as condições externas, podem produzir a paz no mundo. Isto é, esperam que haja fraternidade no mundo, embora em seu íntimo estejam torturados pelo ódio, inveja, ambição, etc. Aos que

pensam profundamente, é bem evidente que não pode haver paz, a menos que o indivíduo, que é o mundo, produza uma radical mudança em seu íntimo.

Vemos o caos ao redor de nós e uma brutalidade extraordinária, embora durante séculos tenhamos pregado bondade, amor, fraternidade; somos facilmente apanhados nesse sorvedouro de ódio e antagonismo, e pensamos que, alterando os sintomas externos, teremos a unidade humana. A paz não é coisa para ser trazida do exterior, ela poderá vir somente de nosso íntimo; isto requer grande zelo e concentração, não no rumo de apenas um desígnio, mas do entendimento do complexo problema de viver.

Coloquei a ganância como uma das causas principais de nossos conflitos íntimos e, portanto, do mundo, a ganância com seus temores, sua ansiedade de poder e domínio, quer social, intelectual ou emocional. Procuramos estabelecer uma diferença entre necessidade e ganância. Necessitamos de vestuário, de alimento e de abrigo, mas essa necessidade transforma-se em ganância, numa força motriz psicológica em nossas vidas, quando nós, através da nossa ansiedade pelo poder, prestígio social, etc., damos um valor desproporcional às coisas. Até que dissolvamos esta causa fundamental do conflito ou choque em nossa conciência, a mera busca da paz é vã. Se bem que por meio da legislação

possamos ter ordem superficial, a ânsia ardente pelo poder, pelo sucesso, etc., perturbará constantemente o elemento que conserva a sociedade unida e aniquilará esta ordem social. Para produzir paz em nosso íntimo e, portanto, no seio da sociedade, esse choque central em nossa conciência, causado por nossos desejos ardentes, precisa ser compreendido. A ação é imprescindivel para o entendimento.

Há pessoas que percebem ser o conflito do mundo causado pela ganância, pela tendência individual para obter poder e domínio mediante a propriedade e, por isso, sugerem que os indivíduos não devem possuir os meios para adquirir poder; e daí propõem produzir isto pela revolução, por meio do controle da propriedade pelo Estado — sendo o Estado alguns poucos indivíduos em cujas mãos estão as rédeas do poder. Não podeis destruir a ganância por meio da legislação. Podeis ser capazes de destruir uma espécie de cobiça por meio da compulsão, mas ela assumirá uma outra forma que criará novamente o caos social.

Há ainda os que pensam poder ser destruida a ganância ou ansiedade mediante ideais emotivos e intelectuais, por meio de dogmas ou credos religiosos; tão pouco isto poderá ser assim, pois ela não pode ser vencida por meio da imitação, do serviço ou do amor. O esquecimento de nós mesmos não é um remédio perduravel

para o conflito da ganância. As religiões teem oferecido compensação para a cobiça, mas a realidade não é uma compensação. A procura da recompensa visa remover a causa do conflito, que é a ganância, a ansiedade, para um outro nivel, para outro plano, mas, ainda assim, o choque e a tristeza continuam.

Os indivíduos são colhidos pelo desejo de criar a ordem social, ou amistosas relações humanas, pela legislação, e de encontrar a realidade prometida pelas religiões, como uma compensação pela renúncia da ganância. Mas, como já expressei , a ganância não pode ser destruida pela legislação ou pelo ressarcimento. Para lutar, de novo, com o problema da ganância, precisamos estar plenamente apercebidos da falsidade da mera legislação social contra a cobiça, tanto quanto da religiosa atitude compensadora que temos desenvolvido. Se não mais procurardes compensação religiosa para a ganância, ou se não fordes apanhados pela esperança ilusória da legislação contra ela, então começareis a compreender um processo diferente de dissolver inteiramente essa ansiedade, mas isso requer tenaz veemência, desprovida de qualquer emocionalismo, sem os artifícios do intelecto astucioso.

Todo o ser humano no mundo necessita de alimento, de roupa e de abrigo, mas, porque é que esta necessidade se tornou um problema tão

complexo e doloroso? Não é porque nos utilizamos das coisas mais com propósito psicológico do que por mera necessidade? A ganância é a busca da satisfação, prazer, e nós nos utilizamos das nossas necessidades como meio para os conseguir, e assim lhes damos muito maior importância e valor do que realmente possuem. Se usarmos as coisas apenas porque delas necessitamos, sem nelas estarmos psicològicamente envolvidos, pode haver uma limitação inteligente para as necessidades não baseadas na mera satisfação.

A dependência psicológica das coisas se manifesta como miséria e conflito sociais. Por sermos pobres interna, espiritual e psicologicamente, pensamos que podemos enriquecer-nos por meio de posses, aumentando sempre as complexas exigências e os problemas. Sem resolver fundamentalmente a pobreza psicológica do ser, a mera legislação social ou o ascetismo não podem solucionar o problema da ganância, da ansiedade. Como pode isto ser fundamentalmente vencido, não apenas em suas manifestações exteriores, em sua periferia? Como libertar o pensamento da ansiedade? Percebemos a causa da ganância — o desejo de satisfação, de prazer, — mas como dissolvê-la?. Através da aplicação da vontade? Então, de que espécie de vontade? Vontade de dominar, de refreiar, de renunciar? Sendo ganancioso, avarento, mundano, não é o

problema desembaraçar o pensamento da ganância?

O pensamento é atualmente produto da ganância e, portanto, transitório, pelo que não pode entender o eterno. Pois aquilo que pode compreender o imortal precisa ser tambem imortal. O permanente somente pode ser compreendido através do transitório. Isto é, o pensamento nascido da ganância é transitório, e tudo quanto ele cria, deve, seguramente, ser tambem transitório, e enquanto a mente estiver presa ao transitório, dentro do círculo da ganância, não pode transcender nem dominar-se a si mesma. No seu esforço para vencer ela cria outras resistências, e nelas fica presa cada vez mais.

Como pode ser dissolvida a ganância sem serem criados outros conflitos, se o produto do conflito faz, sempre, parte do reino do desejo, que é transitório? Podemos ser capazes de sobrepujar a ganância pelo simples esforço da vontade de abstenção, mas isto não conduz à compreensão, ao amor, pois tal vontade é o produto do conflito, portanto, não pode libertar-se da cobiça. Reconhecemos que somos gananciosos. Há satisfação na posse. Ela enche o nosso ser, expande-o. Agora, porque necessitais lutar contra ela? Se estais satisfeitos com essa expansão, então não tendes nenhum problema conciente. Pode a satisfação ser jamais completa,

não está ela sempre num estado de constante fluxo, ansiando por um prazer após outro?

Dest'arte, o pensamento fica emaranhado na sua própria rede de ignorância e tristeza. Vemos que somos apanhados pela ganância e tambem percebemos, pelo menos intelectualmente, os seus efeitos; como pode então o pensamento desembaraçar-se de suas ansiedades auto-criadas? Somente através de um apercebimento constante, pela compreensão do seu próprio processo. A compreensão não se realiza pelo mero esforço de apenas uma face da vontade, numa só direção mas por aquela aproximação experimental que tem a qualidade peculiar da totalidade. Essa aproximação experimental está nas ações da nossa vida diária; ao tornarmo-nos profundamente apercebidos do processo da ansiedade e da satisfação, nasce aquela aproximação integral da vida, aquela concentração que não é o resultado da escolha, mas que é a plenitude. Se estiverdes alerta, observareis agudamente o processo da ansiedade; vereis que nessa observação há um desejo de escolher, de racionalizar, mas este desejo ainda faz parte da ansiedade. Deveis estar profundamente apercebidos das sutilezas da ansiedade e pela experimentação surge a compreensão integral, a única que liberta radicalmente o pensamento da ansiedade. Se assim estiverdes apercebidos, há uma nova espécie de vontade ou de compreensão, que não é a vontade do con-

flito ou da renúncia, mas da totalidade, da plenitude que é divina. Essa compreensão é a aproximação da realidade, que não é o produto da vontade de conseguir, da vontade da ansiedade e conflito. A paz é dessa totalidade, dessa compreensão.

Interrogante: Uma vez que tanto é verdade ser o indivíduo um produto da sociedade, como a sociedade o é do indivíduo que a compõe, e desde que a mudança na organização social afeta grande número de indivíduos, não será tão importante frizar a necessidade de transformar a sociedade como o é exaltar a necessidade de transformar os indivíduos, e já que as causas principais da catástrofe do mundo surgem do mau funcionamento da organização social, não haverá perigo em salientar demasiadamente a necessidade dos indivíduos se transformarem, embora esta mudança seja, em última análise, necessária?

Krishnamurti: Que é a sociedade? Não é ela a relação de um indivíduo com outro? Se os indivíduos são ignorantes, cruéis, ambiciosos, etc., sua sociedade refletirá tudo o que existir no íntimo deles. O interrogante parece sugerir que as relações sempre em conflito entre

os indivíduos que formam a sociedade, com suas inúmeras organizações, deveriam ser transformadas. Todos nós vemos a necessidade, a importância de uma transformação social. Guerras, fome, essa vontade brutal de conseguir poder, etc., com isto estamos todos familiarizados, e algumas pessoas desejam sinceramente transformar essas condições. Como podereis transformá-las? Destruindo os muitos ou os poucos que criam a desharmonia no mundo? Quem são os muitos ou os poucos? Vós e eu, não é verdade? Cada um de nós está envolvido nisso, porque somos gananciosos, possessivos, ansiamos pelo poder. Queremos produzir ordem no seio da sociedade, mas como conseguí-lo? Pensais seriamente que sejam apenas uns poucos os responsaveis por essa desorganização social, essas guerras, esses ódios? Como vos libertareis deles? Destruí-los seria usar dos mesmos meios que eles empregam, e, assim, fareis de vós mesmos tambem um instrumento de ódio e de brutalidade. O ódio não pode ser destruido pelo ódio, embora muitos dentre vós gostem de ocultar o ódio sob palavras que soam agradavelmente. Os métodos determinam os fins. Não podeis matar para ter paz e ordem; para terdes paz precisais criar paz em vosso íntimo e nas relações mútuas com outrem, que são a sociedade.

Dizeis que dever-se-ia dar maior importância à mudança da organização social. As reformas

superficiais podem talvez ser feitas, mas é fora de dúvida que uma transformação radical de paz duradoura somente pode ser produzida quando o próprio indivíduo se transforma. Direis, talvez, que isso levará muito tempo. Mas porque estais preocupados com o tempo? Em vosso ardente desejo, quereis resultados imediatos, estais preocupados com os resultados e não com os meios e modos. Dest'arte, em vossa precipitação, tornar-vos-eis um joguete de promessas vazias. Pensais que a atual natureza humana, que é o produto de séculos de maus tratos, ignorância e mêdo, pode ser transformada em uma noite? Alguns indivíduos podem ser capazes de se modificar durante uma noite, mas não o será uma sociedade cristalizada. Isto não quer dizer um adiamento, mas o homem que pensa claro e diretamente, não se importa com o tempo.

A organização social pode ser um mecanismo independente, porém, ela tem que ser dirigida por nós. Nós a criamos e por ela somos responsaveis, e podemos ser independentes dela somente quando nós, como indivíduos, não mais contribuirmos para o ódio, a ganância, a ambição gerais, etc. No nosso desejo de transformar o mundo encontramos sempre oposição, partidos se formam a favor e contra, engendrando somente maior antagonismo, suspeita e competição no proselitismo. Concordância é quase impossivel obter, exceto quando há ódio ou mêdo

em comum; todas as ações nascidas do mêdo ou do ódio teem de aumentar ainda mais o ódio e o mêdo. Ordem e paz perduraveis são produzidas apenas quando o indivíduo, voluntária e inteligentemente, consente em pensar, sem ódio, sem ganância, sem ambição etc. Somente assim pode haver paz criadora em vosso íntimo e, portanto, em vossas relações com outrem, as quais são chamadas sociedade.

Isto requer atenção ardente e direta, sem emocionalismo; mas, como a maioria de nós é indolente, esperamos que a organização social seja transformada por qualquer milagroso acontecimento. Eis porque nós nos entregamos ao sentimento e não ao pensamento claro. Julgamos ser a auto-afirmação, a agressividade, algo de másculo, pois fizemos da religião algo de sentimental; temos negado o pensamento experimental, o pensamento crítico nas coisas mais sérias, naquilo que mais importância tem, a religião e a realidade, pelo que, naturalmente, nos tornamos brutais, destruidores, relativamente às coisas deste mundo.

Interrogante: Como pode a emoção ser controlada?

Krishnamurti: Entendamos o problema do controle. Que queremos dizer por con-

trole? O que está implícito no controle? Vemos no nosso processo de pensar uma força dupla em trabalho; um desejo de segurar, de possuir, e, de outro lado, o desejo de não segurar, de não possuir. Não é assim? Há no pensamento aquilo que é, como tambem aquilo que quer ser; o agradavel, chamado bom, e o desagradavel, o mau. Portanto, há um conflito ininterrupto entre esse processo dual, um querendo sobrepujar o outro, pela disciplina, afirmação, negação, etc. Assim, na idéia de controle há sempre dualidade. O pensamento, tendo-se dividido em dois processos, o que é agradavel e o que não o é, cria conflito em si mesmo e, por isso, procura ultrapassar esse conflito por vários meios, ideais, abstenção, concentração, etc. Portanto, o ponto capital não é controlarmo-nos, mas porque criamos e nos apegamos a esse processo dual. O que é que nos faz zangar primeiramente e depois descobrir o mal da ira, que nos induz a aprender a controlarmo-nos? Que é que nos torna brutais e depois nos leva a cultivar a compaixão? Tornando-nos apercebidos desse processo de dualidade, despertaremos essa compreensão, essa totalidade, essa plenitude que eliminará o conflito da resistência. O que é que torna nossa vida, nosso pensamento, tão desconexos, tão pouco coordenados? Por que criamos esta dualidade em nosso processo de pensar, não que não haja dualidade?

No momento preciso em que estamos com raiva, não há reação do seu oposto, estamos meramente zangados. Porém, mais tarde, veem todas as nossas reações contra ela, dependendo de nosso condicionamento prévio, e, de acôrdo com isto, nós nos controlamos, exercitando-nos para não mais nos zangarmos; e pelo esforço da vontade opomos resistências à raiva, o que não é a dissolução dela; nós apenas a encobrimos, e assim a dualidade ainda existe. Ora, porque ficamos zangados? Por muitas razões. Pode ser que a nossa segurança social ou financeira esteja em perigo ou pode ser devido a alguma razão fisiológica. Ora, a menos que compreendamos plenamente as razões psicológicas e fisiológicas da raiva, e, por esse meio, nos tornemos completa e inteligentemente apercebidos delas, estamos apenas nos preocupando profundamente com a idéia de nos livrarmos da raiva. Livrarmo-nos apenas da raiva é relativamente facil, mas isso não dissolve completamente as suas causas; se porém estiverdes, plenamente apercebidos das causas, quer psicológicas, quer fisiológicas, apercebidos, sem o desejo de vos libertardes da raiva, então sim, nessa plenitude de compreensão, não somente o efeito, a raiva, mas tambem as causas, se desvanecem, dando lugar a uma qualidade que somente a experiência pode revelar. Todo ato de conquista é uma forma de

ignorância e violência; somente o entendimento pode livrar o pensamento da escravidão.

I n t e r r o g a n t e : Queira explicar mais circunstanciadamente: "O mundo é a extensão do indivíduo, vós sois o mundo".

K r i s h n a m u r t i : Pela aproximação experimental descobrimos que o homem é a medida de todas as coisas; ou, aceitando a autoridade, há uma outra medida, alem do homem, Deus ou seja qual for a denominação que escolherdes. O mundo do passado é o mundo de hoje, do "Eu" e do futuro "Eu" de amanhã. O passado é o mundo de nossos antepassados, das gerações anteriores, com suas ignorâncias, seus temores, etc., que limitam o presente, o "Eu" de hoje, e dá nascimento ao "Eu" de amanhã, do futuro. Cada um de nós é este passado acumulado, no qual está incorporado o presente com suas reações e experiências. Os indivíduos são o resultado das formas variadas da influência e da limitação, e a relação de um indivíduo com outro cria o mundo — o mundo dos valores. O mundo é a estrutura social, moral, espiritual, baseada nos valores criados por nós, não é assim? O mundo social, assim como o chamado mundo espiritual, é criado por nós, indivíduos, através

dos nossos temores, esperanças, desejos e etc. Vemos o mundo do ódio fazendo a colheita na época presente. Este mundo de ódio foi criado por nossos pais, por seus antepassados e por nós. Assim, a ignorância se estende indefinidamente no passado. Não veio à existência por si. É o produto da ignorância humana, um processo histórico, não é assim? Nós, como indivíduos, temos cooperado com os nossos antepassados que, com os seus antepassados, principiaram este processo de ódio, temor, ganância, etc. Agora, como indivíduos, compartilhamos desse mundo de ódio, tanto quanto individualmente participamos dele.

Portanto, o mundo é uma extensão de vós mesmos. Se, como indivíduos, desejardes destruir o ódio, então, como indivíduos, deveis cessar de odiar. Para destruir o ódio é preciso que vos desassocieis do ódio em suas formas grosseiras e sutís, e enquanto estiverdes colhidos por ele, fareis parte desse mundo de ignorância e de temores. Assim, o mundo é uma extensão de vós mesmos, duplicado e multiplicado. O mundo não existe separado do indivíduo. Pode existir como uma idéia, um Estado, uma organização social, mas para executar essa idéia, para fazer funcionar essa organização social ou religiosa, deve haver o indivíduo. Sua ignorância, sua ganância e seu temor, manteem a estrutura da ignorância, da cobiça e do ódio. Se o

indivíduo se transformar, pode afetar o mundo, este mundo de ódio, de ganância, etc.? Em primeiro lugar, certificai-vos, ficai duplamente certos, de que vós, o indivíduo, não odiais. Os que odeiam não teem tempo para pensar; estão consumidos nas suas próprias excitações intensas e nas consequências delas. Não querem escutar o pensamento calmo, deliberado; são arrastados pelos seus próprios temores; e não podeis ajudá-los, a não ser que sigais o seu método, que é forçá-los a ouvir, mas essa força é inutil. A ignorância tem a sua própria tristeza. Em suma, estais me ouvindo porque não estais ameaçados no momento, porque se o estivesseis, provavelmente não me estarieis escutando, não refletirieis. O mundo é uma extensão de vós, enquanto fordes irrefletidos, presos à ignorância, ao ódio, à ganância; mas, quando ficardes sinceramente atentos, apercebidos, não há somente uma dissociação dessas causas feias que criam tristeza e sofrimento, porém, tambem haverá essa compreensão que é o preenchimento, o todo.

III PALESTRA

Procurei explicar, na semana passada, a diferença entre ganância e necessidade. Se não entendermos a diferença entre elas, haverá constante conflito de escolha. Há um modo diferente de abordar o problema da ansiedade e necessidade, em lugar do controle, abstenção e escolha habituais; é compreendermos o processo da ganância, e tornarmo-nos apercebidos da ansiedade. Psicologicamente, estando internamente empobrecidos, queremos enriquecer-nos por meio de acumulações e posses, e assim damos às coisas um valor desproporcionado. Estando apercebidos, há uma profunda compreensão das causas dessa pobreza psicológica, dessa falta de riqueza criativa, há então a libertação da ganância e de seus conflitos. Nesse processo de apercebimento, nessa pesquisa interna que visa compreender a dependência das coisas para nossa satisfação, prazeres, percebereis, se desejardes experimentar, que há uma diferente espécie de vontade, não a vontade de resistência em con-

flito, mas a vontade da compreensão que é íntegra, completa. Para experimentar, precisamos estar apercebidos da ansiedade, ganância, não teoricamente, mas na nossa vida diária de relações mútuas e ação. Só pode haver paz e ação desinteressada quando estivermos realmente livres internamente da ganância, e não apenas em nossas relações e ações externas.

Estávamos tentando compreender nossa ansiedade pelas coisas, mas abordemos agora a questão das nossas relações com as pessoas, pois, pela compreensão deste problema complexo revela-se a riqueza da vida.

Não é a existência toda uma questão de relações mútuas? Ser é estar em relação. Em nossas relações há conflito, não somente entre indvíduos, mas tambem entre o indivíduo e a sociedade. A sociedade é, finalmente, a relação do indivíduo com os muitos; é a extensão, a projeção do indivíduo. Se o indivíduo não compreender sua relação para com as coisas ou as pessoas com as quais está em contacto direto, suas ações produzirão conflitos, tanto pessoais como sociais. Há conflito nas relações mútuas e há tambem o desejo de isolamento, de fugir de uma relação que causa dor. Este isolamento toma a forma de serem aceitas relações novas e agradaveis em lugar das antigas, ou a de afastar-se para o mundo das idéias. Se a vida é uma série de acontecimentos que por fim produzi-

rão o isolamento do indivíduo, então as relações são um meio para esse fim. Mas não podemos fugir, porque a existência inteira é uma forma de relação. Assim, até que compreendamos e nos libertemos das causas do conflito em nosso íntimo, onde quer que estejamos, quaisquer que sejam as circunstâncias, deve sempre haver conflito. A idéia de isolamento progressivo pela qual o homem, em seu conflito, suspira, chamando-a de realidade, unidade, amor, etc., é uma fuga da realidade que pode ser compreendida somente nas relações mútuas. Há conflito nas relações, e, ao mesmo tempo, o pensamento procura fugir àquele conflito. Encontram-se muitos modos de fuga, mas a causa do conflito ainda permanece .

Porque há conflito entre pessoas? Qual a razão deste conflito, mesmo entre aqueles que dizem amar-se uns aos outros? Ora, não são todas as relações mútuas um processo de auto-revelação? Isto é, nesse processo de relação, estais vos revelando a vós próprios, estais descobrindo todas as condições do vosso ser, o feio e o agradavel. Se estais apercebido, as relações são como um espelho, refletindo mais e mais os vários estados dos vossos pensamentos e sentimentos. Se compreendermos profundamente que as relações mútuas são um processo de auto-revelação, então elas terão um significado diferente. Mas não aceitamos as relações como pro-

cesso de revelação, pois não queremos que nos mostrem como somos e, por isso, há conflito constante. Nas relações mútuas procuramos satisfação, prazer, conforto, e se houver qualquer oposição profunda a isto, procuramos mudar nossas relações. Assim, as relações, em vez de serem uma ação progressiva de constante apercebimento, tendem a tornar-se um processo de auto-isolamento. O caminho do desejo conduz ao auto-isolamento e à limitação.

Quando procuramos meramente satisfação nas relações mútuas, o apercebimento crítico torna-se impossivel, todavia é somente neste apercebimento vigilante que é possivel qualquer ajustamento ou compreensão. A responsabilidade nas relações mútuas, então, não se baseia na satisfação, mas na compreensão e no amor. Não encontrando satisfação nas relações humanas, muitas vezes procuramos estabelecê-las no reino das teorias, crenças, conceitos. O amor, então, torna-se meramente uma emoção, uma sensação, uma concepção ideal. e não a realidade para ser compreendida nas relações humanas. Como nas relações humanas há atrito, dor, tentamos idealizar o amor e chamá-lo cósmico, universal, o que é apenas uma fuga à realidade. Para amar completamente, sem temor, sem sentimento de posse, é imprescindivel um intenso apercebimento e compreensão, o que só pode ser realizado nas relações humanas quando o pensa-

mento está liberto da ansiedade e do sentimento de posse. Somente então pode haver o amor ao todo.

Se compreendermos, sem mêdo, a causa do conflito e da tristeza em nossas relações, nasce uma qualidade de plenitude que não é meramente expansão nem agregação de muitas virtudes. Esperamos amar o homem através do amor de Deus, mas se não soubermos como amar o homem, como podemos amar a realidade? Amar o homem é amar a realidade. Julgamos que amar outrem é tão doloroso, tantos problemas complexos estão envolvidos nisto, que consideramos ser mais facil e mais satisfatório amarmos um ideal, o que é emocionalismo intelectual, não amor.

Dependemos da sensação para a continuidade do assim chamado amor, e quando essa satisfação é negada, procuramos encontrá-la em outrem. Assim, o que, na maior parte das vezes, procuramos é a satisfação do desejo nas nossas relações humanas. Sem compreender a ansiedade não pode haver plenitude do amor. Tambem isto requer constante e intenso apercebimento. Para compreender esta plenitude, este estado integral, precisamos começar a estar apercebidos do desejo como ganância e possessividade. Então entenderemos a complexa natureza do desejo e assim haverá não somente libertação da ganância mas tambem plenitude, que ultrapassa

o intelecto e suas resistências. Se formos capazes de fazer isto em relação às coisas, então talvez nos seja possivel perceber uma forma muito mais complexa do querer, que existe nas relações humanas. Precisamos começar não do mais alto grau de aspiração, esperança e visão, mas pelas coisas e pessoas com quem estamos diariamente em contacto. Se formos incapazes de compreender profundamente as coisas e pessoas, não compreenderemos a realidade, pois a realidade está na compreensão do ambiente, das coisas e das pessoas. Este ambiente é o produto de nossas relações com coisas e pessoas; se esse produto estiver baseado no desejo e sua satsfação, como está agora, escapar dele e procurar a realidade é criar outras formas de satisfação e ilusão. A realidade não é produto da ansiedade; aquilo que é criado pela ânsia é transitório; aquilo que é eterno pode ser compreendido somente através do perduravel.

Interrogante: Não é, às vezes, muito dificil fazer distinção entre as necessidades humanas naturais e os desejos psicológicos de satisfação?

Krishnamurti: É muito dificil estabelecer a diferença. Para fazer isto, é preciso

haver clareza de percepção. Estando apercebido do processo de todos os desejos que se manifestam e compreendendo-os plenamente, regular-se-ão as necessidades naturais humanas inteligentemente, sem exagero desnecessário. Porém, como vêdes, não estamos individualmente interessados em compreender o processo do desejo. Não estamos suficientemente abrasados para descobrir se realmente somos capazes de fazer a diferença entre necessidades humanas e desejos psicológicos. Podemos descobrir isto pelo apercebimento crítico, pela experimentação paciente, mas a compreensão deste problema por outrem é de pouco valor para vós; tereis de entendê-lo por vós mesmos. Se disserdes que ireis limitar-vos ao mínimo de coisas, não estareis entendendo o completo problema do desejo; estareis então meramente interessados em alcançar certos resultados, o que equivale a buscar satisfação em outro nivel; mas isto não resolve o problema que o desejo cria.

O que estamos tentando fazer aquí é entender o processo do desejo, não estabelecer um limite à ansiedade. Quando há compreensão do desejo, vem um natural limite de coisas, não uma limitação pre-determinada produzida pelo esforço da vontade. É a ansiedade que dá às coisas seus valores desproporcionados. Estes valores são baseados nas exigências psicológicas. Se alguem é psicologciamente pobre, pro-

cura satisfação nas coisas; portanto, bens, nome, família, tornam-se prementes e importantes, resultando no caos social. Enquanto não resolvermos este conflito da ganância, a simples limitação de coisas não pode produzir nem a ordem social nem aquela tranquilidade da libertação do desejo. Pela legislação social a ganância não pode ser destruida; podeis limitar sua expressão em certas direções, porém, mesmo estas limitações são ultrapassadas se o desejo ainda é o motivo para a ação dos homens. As compensações oferecidas pelas religiões, pelo abandono das coisas mundanas, são ainda formas de desejo. Para nos libertarmos do desejo, precisamos, pacientemente, com muito tato, sem preconceito, compreender seu processo complexo.

Interrogante: No último domingo dissestes que se pudéssemos descobrir porque nos zangamos, ao invés de procurarmos controlar a ira, dela nos libertaríamos. Verifico que me zango quando meu conforto, minhas opiniões, minha segurança, e outras coisas, estão ameaçadas; e porque fico zangado quando ouço falar de injustiças referentes a alguem que não conheço?

Krishnamurti: Todos nós, estou certo, procuramos subjugar a cólera, mas de

qualquer maneira, isto não parece dissipá-la. Haverá um modo diferente para dissipar a zanga? Como disse, no último domingo, a cólera pode resultar de causas físicas ou psicológicas. Zangamo-nos, talvez, porque estamos sendo frustrados, nossas reações defensivas estão sendo quebradas, nossa segurança, que tem sido cuidadosamente construida, está sendo ameaçada e assim por diante. Todos estamos familiarizados com a zanga.

Como poderemos entender e dissipar a zanga? Se considerardes que vossas crenças, conceitos, opiniões, são da maior importância, então forçosamente reagireis de modo violento quando contrariado. Ao invés de permanecerdes preso às crenças, opiniões, se começardes a perguntar se isto é essencial à compreensão da vida, então, pela compreensão de suas causas, haverá a cessação da raiva. Assim começamos a dissolver as nossas próprias resistências que causam conflito e dor. Isto novamente requer sinceridade. Estamos habituados a controlar-nos em virtude de razões sociológicas ou religiosas, ou por conveniência, mas para cortarmos a raiva pela raiz é necessário um profundo apercebimento e constância de intenção.

Dissestes que tendes cólera quando ouvís falar de injustiça. É porque amais a humanidade, porque sois compassivos? Podem a compaixão e a raiva morar juntas? Pode haver justiça, quan-

do há raiva, ódio? Talvez estejais zangado, pensando na injustiça geral, na crueldade, mas vossa raiva não altera a injustiça ou crueldade; ela pode somente prejudicar. Para produzir ordem, vós mesmo deveis ter consideração e compaixão para com outrem. A ação nascida do ódio só pode criar futuros ódios. Não pode haver retidão onde há raiva. Retidão e raiva não podem morar juntas. A raiva em todas as circunstâncias é a ausência de compreensão e amor. É sempre cruel e feia. Que podeis fazer se alguem age injustamente, com ódio e preconceito? Este ato não é apagado pela vossa raiva, pelo vosso ódio.

Não estais realmente preocupado com a injustiça; se estivesseis, jamais vos zangarieis; ficais zangado, porque há satisfação emocional no ódio e na raiva; sentís-vos dominados pelo ódio e pela raiva. Se nas nossas relações humanas existirem a compaixão e o perdão, generosidade e benevolência, como pode haver tambem brutalidade e ódio? Se não tivermos amor, como poderá haver ordem e paz? Desejamos reformar outrem quando nós mesmos estamos mais necessitados disso. Não são os outros que são cruéis, injustos, mas nós mesmos. Para compreendermos isto precisamos estar constantemente atentos. O problema somos nós, e não outrem. E dir-vos-ei que quando olhardes para vossa própria raiva e começardes a perceber as

suas causas e expressões, então, nesta compreensão, haverá compaixão, perdão .

I n t e r r o g a n t e : Estando completamente dissociado da violência, é possivel que minha ação possa ser à parte? Por exemplo, se sou atacado, mato pela auto-preservação, como uma parte da violência. Se recusar matar e me deixar assassinar, não sou ainda uma parte da violência? É essa distinção uma questão de atitude mais do que de ação?

K r i s h n a m u r t i : As questões sobre a violência, em todas suas variadas formas, serão compreendidas se pudermos focalizar a causa central do ódio, do desejo de ferir, da vingança, do medo, e assim por diante. Se pudermos compreender isto, então saberemos, espontaneamente, como tratar aqueles que nos odeiam, que desejam usar de violência para conosco. Toda a nossa atenção deveria ser dirigida não para o que deveríamos fazer em relação à violência lançada contra nós, mas compreender a causa de nosso próprio mêdo, ódio, arrogância, ou partidarismo. Compreendendo isto, na nossa vida diária, os problemas criados por outrem cessam de ter muita significação. Resolvereis o problema externo da violência, compreendendo o

problema central do desejo ardente, da inveja, pelo constante apercebimento crítico de vosso pensamento, de vossa relação para com outrem.

Interrogante: Para se estar completamente apercebido, para ser flexivel, precisa haver sempre um grande sentimento de amor. Então o que fazer, se não é possivel, pelo esforço, sentir amor, nem nos tornarmos completamente apercebidos?

Krishnamurti: Agora, o que é o esforço implícito na compreensão, por exemplo, de nossos desejos psicológicos e necessidades naturais? Para compreender profundamente que toda a dependência psicológica, seja de coisas ou pessoas, cria conflito e tristeza, não somente social mas pessoal, para compreender as causas complexas do conflito e o desejo de livrar-se dele, é preciso não somente vontade de ser livre, como tambem apercebimento constante na nossa vida diária. Se este apercebimento é o resultado do desejo de chegar a um determinado fim, então o esforço de estar apercebido produzirá somente maior resistência e conflito. O apercebimento surge quando há interesse em compreender, mas o interesse não pode ser criado pela simples vontade e controle. Se derdes valor

verdadeiro às coisas somente para não haver conflito, estais vivendo num estado de ilusão, pois então não compreendereis o processo do desejo que cria conflito e dor.

(Ojai, 9 de Junho de 1940).

IV PALESTRA

Nas últimas três palestras procurei explicar o modo de acercarmo-nos experimentalmente do problema do desejo, modo esse que não é nem negação nem controle, mas uma compreensão do processo da ganância e só essa compreensão pode produzir a permanente libertação. Enquanto dependermos de coisas para a nossa própria satisfação e enriquecimento psicológicos, a ganância continuará, criando conflito e desordem social e individual. Unicamente a compreensão libertar-nos-á do desejo e ansiedades ardentes que teem criado tanta ruina no mundo.

Consideraremos agora o problema das relações entre indivíduos. Se entendermos a causa do atrito entre indivíduos e, portanto, com a sociedade, essa compreensão auxiliará a produzir a libertação da possessividade. As relações mútuas estão agora baseadas na dependência, isto é, um depende do outro para sua satisfação psicológica, felicidade e bem estar. Geralmente não compreendemos isto, mas se o conseguir-

mos, pretenderemos não ser dependentes de outrem, ou tentaremos nos desembaraçar artificialmente da dependência. Aquí, novamente, abordemos este problema experimentalmente.

Ora, para a maioria de nós, as relações com outrem estão baseadas na dependência econômica ou psicológica. Esta dependência cria temor, gera em nós possessividade, dá lugar a atrito, suspeita, frustração. A dependência econômica de outrem pode talvez ser eliminada pela legislação e organização adequada, mas refiro-me especialmente àquela dependência psicológica de outrem, que é a manifestação da ânsia pela satisfação pessoal, felicidade e etc. Nestas relações mútuas sentimo-nos possessivos, enriquecidos, criativos e ativos; sentimos que a flamulazinha do nosso próprio ser é aumentada por outra e, assim, afim de não perder esta fonte de plenitude, tememos a perda de outrem e por este motivo surgem temores possessivos com todos os seus problemas resultantes. Deste modo, nas relações mútuas de dependência psicológica, deve sempre haver temor conciente ou inconciente, suspeita, frequentemente ocultos sob a capa de palavras que soam agradavelmente. A reação desse temor conduz sempre à procura, por vários meios, da segurança e do enriquecimento, ou para nos isolarmos em idéias e ideais, ou para procurarmos substitutos à nossa satisfação.

Se bem que sejamos dependentes de outrem, há ainda o desejo de ser inviolavel, de ser completo. O problema complexo nas relações mútuas é: como amar sem dependência, sem atrito e sem conflito; como dominar o desejo de nos isolarmos, de fugir da causa do conflito. Se dependermos de outrem para nossa felicidade, da sociedade ou do ambiente, estes se tornam essenciais para nós; apegamo-nos a eles e nos opomos violentamente a qualquer alteração, porque deles dependemos para nossa segurança psicológica e confôrto. Posto que possamos perceber, intelectualmente, que a vida é um contínuo processo de fluxo, de mutação, necessitando de mudança constante, apegamo-nos ainda, emocional ou sentimentalmente, a valores estabelecidos e reconfortantes; assim há um constante combate entre a mudança e o desejo de permanência. É possivel pôr um fim a este conflito?

Não pode haver vida sem relações mútuas, mas nós as tornamos tão cruéis e hediondas por baseá-las no amor pessoal e possessivo. Podemos amar e, ainda assim, não possuir? Encontrareis a verdadeira resposta, não na fuga, nos ideais e nas crenças, mas na compreensão das causas da dependência e da possessividade. Se pudermos compreender profundamente este problema das relações entre nós e outrem, então talvez compreendamos e resolvamos os problemas de nossas relações com a sociedade, pois que a sociedade

é somente uma extensão de nós mesmos. O ambiente a que chamamos sociedade é criado pelas gerações passadas; aceitamo-lo, porque nos ajuda a manter nossa ganância, possessividade, ilusão. Nesta ilusão não pode haver unidade ou paz. Mera união econômica, realizada por compulsão e legislação, não pode impedir a guerra. Enquanto não compreendermos as relações individuais, não poderemos ter uma sociedade pacífica. Desde que as relações mútuas se baseiam no amor possessivo, precisamos nos tornar apercebidos, em nosso íntimo, de seu nascimento, suas causas, sua ação. Ao ficarmos profundamente apercebidos do processo da possessividade, com sua violência, temores, reações, vem um entendimento que é integral, completo. Somente esta compreensão libertará o pensamento da dependência e possessividade. É no íntimo do nosso ser que a harmonia nas relações mútuas pode ser encontrada, não em outrem, nem no ambiente.

Nas relações mútuas, a causa primária do atrito está em nós próprios, no eu que é o centro da ansiedade unificada. Se, porém, pudermos compreender que o mais importante não é como outrem age, mas como cada um de nós age e reage, e se essa reação e ação podem ser fundamental e profundamente compreendidas, então as relações mútuas sofrerão uma mudança profunda e radical. Nestas relações mútuas com

outrem, há não somente o problema físico mas tambem o do pensamento e sentimento em todos os niveis, e podemos estar em perfeita harmonia com outrem somente quando estamos integralmente em harmonia conosco mesmos. Nas relações mútuas o que tem importância para termos em mente não é outrem, mas nós mesmos, o que não significa que precisamos nos isolar, mas que devemos compreender profundamente, em nós mesmos, a causa do conflito e da tristeza. Enquanto dependermos de outrem para nosso bem estar psicológico, intelectual ou emocionalmente, esta dependência deve, inevitavelmente, criar temor, do qual provém a tristeza.

Para compreendermos a complexidade das relações mútuas é preciso haver paciência refletida e zelo. As relações mútuas são um processo de auto-revelação no qual descobrimos as causas ocultas da tristeza. Esta auto-revelação é somente possivel nas relações mútuas.

Estou insistindo sobre as relações mútuas porque, ao entendermos profundamente sua complexidade, estamos criando compreensão, a qual transcende a razão e a emoção. Se basearmos nossa compreensão meramente na razão, então nela haverá isolamento, orgulho, ausência de amor, e se a alicerçarmos apenas na emoção, então nela não haverá profundeza, haverá somente uma sentimentalidade que logo se evaporará, e não amor. Somente nesta compreensão

pode existir plenitude de ação. Esta compreensão é impessoal e não pode ser destruida. Não está mais no domínio do tempo. Se não pudermos obter a compreensão com os problemas diários do desejo e de nossas relações mútuas, então, a busca de semelhante compreensão e amor em outros reinos da conciência, equivale a vivermos na ignorância e ilusão.

Sem compreendermos profundamente o processo da ganância, cultivar somente a bondade, a generosidade, é perpetuar ignorância e crueldade; sem compreendermos integralmente as relações mútuas, cultivar apenas a compaixão, perdão, é levar a efeito o auto-isolamento e entregarmo-nos a sutís formas de orgulho. Compreendendo profundamente a ansiedade, há compaixão, perdão. Virtudes cultivadas não são virtudes. Esta compreensão requer apercebimento constante e vigilante, um vigor que é flexivel; o simples controle com seu treino peculiar tem seus perigos, pois, por um lado é incompleto e, portanto, superficial. O interesse traz sua própria concentração natural, espontânea, na qual há o florescimento da compreensão. Este interesse é despertado pela observação, inquirindo as ações e reações da existência de todo dia.

Para abranger o complexo problema da vida com seus conflitos e tristezas, precisamos realizar a compreensão integral. Isto pode ser feito

somente quando entendermos profundamente o processo da ansiedade que é agora a força central em nossa vida.

Interrogante: Falando de auto-revelação, o senhor quer dizer revelar-se a si mesmo ou a outrem?

Krishnamurti: Quase sempre nos revelamos a outrem, mas, o que é importante, é ver-vos como sois ou revelar-vos aos outros? Estive tentando explicar que, se nós o permitirmos, todas as relações mútuas agirão como um espelho em que perceberemos claramente aquilo que é torto e aquilo que é direito. Dão a focalização necessária para ver penetrantemente, mas, como expliquei, se estamos cegos pelo preconceito, opiniões, crenças, não podemos, por mais estimulantes que sejam as relações mútuas, ver claramente, sem distorsão. Então as relações mútuas não são um processo de auto-revelação.

Nossa consideração primordial é: O que nos impede de perceber verdadeiramente? Não estamos aptos a perceber porque nossas opiniões a respeito de nós mesmos, nossos temores, ideais, crenças, esperanças, tradições, tudo isto age como véus. Sem compreender as causas destas perversões, tentamos alterar ou nos apegar

àquilo que é conhecido e isto cria futuras resistências e sofrimento futuro. Nossa consideração capital deveria ser, não a alteração ou a aceitação do que é observado, mas apercebermo-nos das muitas causas que produzem esta perversão. Alguns podem dizer que não teem tempo para estar atentos, são muito ocupados, e assim por diante, porém isto não é uma questão de tempo, mas de interesse. Então, seja o que for em que estejam ocupados, há o começo do apercebimento. Procurar resultados imediatos é destruir a possibilidade da compreensão integral.

Interrogante: Tendes empregado, várias vezes, em palestras anteriores, a palavra "treino". A idéia de treino, para muitos de nós, está associada ao controle, conduzindo eventualmente à possibilidade de rigidez e estagnação. Poderieis dar uma definição deste termo? Deve isto ser compreendido no sentido da vontade indômita, da vigilância, da adaptabilidade e constante flexibilidade?

Krishnamurti: Controlamo-nos devido ao medo? Controlamo-nos para não sermos feridos, para obter certos resultados e recompensas? É o controle o caminho para a busca de maior e mais duradoura satisfação e poder? Se

for, então isto conduzirá à rigidez e à estagnação. O simples auto-controle resulta definitivamente em esterilidade da compreensão e do amor. Aqueles que, unicamente pelo exercício da vontade, realizam o auto-controle, conhecerão seus resultados nefastos.

Estou falando da compreensão que transcende razão e emoção. Nesta compreensão há uma adaptabilidade natural e criadora, um apercebimento vigilante e flexibilidade infinita, mas o simples controle não cria a compreensão. Se procurarmos cultivar a virtude, isto não é mais virtude. A virtude é um sub-produto da compreensão e do amor. Os gananciosos podem treinar para não ser gananciosos pelo simples exercício da vontade, mas por esse caminho não terão compreendido profundamente o processo do desejo e assim não estarão libertos da ganância. Pensam que, pela agregação de muitas virtudes, chegarão à totalidade. Procuram abarcar toda a vasta extensão da vida com virtudes. Para se compreender, precisa haver clareza de propósito não estabelecido por outrem, mas que surge quando compreendemos as nossas relações mútuas com as coisas e pessoas. Esta aproximação experimental produz compreensão que não é o resultado do simples controle. Se esta pesquisa for sincera e constante, então haverá uma natural restrição, sem mêdo, sem a vontade de desejos expansivos. Esta compreensão não é parcial,

mas completa. Pelo constante apercebimento dos muitos problemas evidentes e sutís da cobiça, surge uma plasticidade definitiva e delicada que, como disse, é um sub-produto da compreensão e do amor.

Interrogante: Como se cultivam virtudes?

Krishnamurti: Todas as virtudes cultivadas não são mais virtudes. Compreensão e amor são de primacial importância, e as virtudes são de importância secundária. Dever, coragem, caridade, como virtudes, são iguais aos seus próprios opostos, e, portanto, sem compreensão e amor, podem ser mal empregadas e tornar-se fonte de grave perigo. Tomai, por exemplo, o dever como uma virtude. Este pode ser e está sendo brutal e tragicamente mal empregado. Sem compreensão e amor, as virtudes podem tornar-se instrumentos de barbaridade e crueldade. Nós, em maioria, temos sido condicionados pelas virtudes, e como elas não proveem de pensamento e compreensão profundos, aqueles de nós, que estão assim limitados, são explorados por pessoas astutas e ambiciosas. Sem compreender a natureza da ganância, a cultura exclusiva do seu oposto não nos liberta dela. O

que nos liberta da ganância é a compreensão do processo da ansiedade e, ao fazê-lo verificaremos que as virtudes começam a surgir naturalmente. O que é de primária importância, portanto, é a compreensão, que é seguida pela compaixão.

Interrogante: O que entendeis por auto-confiança?

Krishnamurti: As religiões organizadas não nos fizeram auto-confiantes porque nos ensinaram a procurar nossa salvação por meio de outrem, através de salvadores, mestres, personalidades deificadas, cerimônias, sacerdotes, e assim por diante. As tendências modernas tambem nos encorajam a não sermos psicologicamente auto-confiantes, insistindo em que a ação coletiva é de importância maior. A regeneração psicológica não pode ser efetuada pela autoridade da tradição, de grupo, ou de outrem, por maior que seja; se conservarmos a psicologia da massa não pode haver a auto-confiança, a única que nos pode ajudar a compreender a realidade. Mas há um grave perigo desta auto-confiança converter-se em ação individualista, cada um para si. Porque a presente estrutura social tem sido o resultado desta ação individualista, agressiva, temos sua reação no coletivismo, no culto do Estado. A verdadeira ação coletiva e

cooperativa só se realizará quando, psicologicamente, o indivíduo for auto-confiante. Enquanto o indivíduo for ganancioso, possessivo em suas relações mútuas, e depender, para seu enriquecimento psicológico, de crenças, dogmas, etc., a ação cooperativa, excitada pela necessidade econômica, somente o faz mais astucioso, mais sutil em seus apetites individualistas de poder e consecução.

Pensamos que a auto-expressão é uma forma de criação, temos um desejo intenso de nos expressar, e assim a auto-expressão assumiu grande importância. Estou procurando explicar alguns problemas implícitos na auto-confiança, e precisamos compreender profundamente, se pudermos, a significação oculta de tudo isto. Quando confiamos psicologicamente em outrem, num grupo, ou num lider para nossa compreensão, para nossa esperança, o que nos acontece? Isto não cria mêdo? Atemorizados, não dependemos de outrem para o nosso bem-estar? Assim o mêdo é gerado, ou continua, em ambos os casos. Porém, onde há temor, conciente ou inconciente, a inteligente compreensão da vida torna-se impossivel. O mêdo só pode gerar mêdo e, assim, continua a ignorância. Este mêdo não pode ser compreendido e dissolvido senão pelo próprio apercebimento intenso.

Se pensais que compreensão, amor, vos podem ser dados por outrem, então autoridade e crença

tornam-se mais importantes. Então o dogma toma o lugar da compreensão auto-confiante. Onde há dogma deve haver estreiteza de pensamento e de coração. A disputa do dogma, da crença, cria intolerância, crueldade. A auto-confiança, no sentido psicológico profundo, é negada quando estais buscando esperanças e recompensas religiosas ou mundanas. É somente quando estais completamente auto-confiante, inteiramente independente de qualquer salvador, mestre, que há serenidade, sabedoria, realidade. Do mesmo modo, quando somente confiais, para vosso bem estar, num grupo particular ou numa organização, então vos tornais simples instrumentos em mãos astutas e ambiciosas. Isto não quer dizer que organizações sociais não devam existir, seria absurdo, mas a verdadeira organização social cooperativa, de concórdia inteligente, só pode existir quando há profunda auto-confiança psicológica.

Somos o resultado do passado, e, sem a sua compreensão crítica, se meramente o expressarmos, então tal auto-expressão ou ação somente pode prolongar a ignorância e o conflito. As idéias que temos agora vieram parcialmente de outros que as pensaram, e surgiram parcialmente através de ações e reações atuais. São o resultado de ansiedade, temor, possessividade e ganância. Como estamos interessados na auto-expressão, precisamos perguntar a nós mesmos o

que é que estamos expressando. Se sou hindú, tenho certas crenças, dogmas, restrições sociais, uma certa herança, o resultado de ansiedades de meus pais e avós, espírito de aquisição, temores, triunfo, aos quais adicionei minhas próprias experiências e conhecimentos condicionados. Se tentar expressar-me tão original e profundamente quanto possivel, o que estarei expressando? Seguramente, não estarei repetindo, talvez com modificação e variações, em essência, os limitados pensamentos e sentimentos do passado, que considero ser eu mesmo?

A expressão do eu se nos afigura, assim, vitalmente importante para a maioria de nós. Estamos tentando expressar-nos, em conformidade com o espaço e o tempo, e como não compreendemos profundamente o que é que em nós se expressa, limitamo-nos a criar confusão, tristeza, antagonismo e competição. Por outras palavras, a ignorância está se expressando a si própria, criando futura ignorância; e quando contrariada em uma de suas expressões procuramos vencer essa resistência pela violência, raiva, ou por outra ação impetuosa. No seu mais completo escopo e expressão, o eu, que nasce da ignorância, deve, quando age por si mesmo, criar a sua própria limitação e tristeza. Sem compreender a significação completa da auto-expressão, a auto-confiança torna-se meramente

o meio para cada vez maior expressão de individualística estreiteza e ação ignorante.

Até que principiemos a quebrar esse círculo vicioso da ignorância, que somente cria futura ignorância, a auto-confiança não pode trazer a libertação da tristeza. Todavia, para compreender esta continuidade de ignorância e tristeza, cada um precisa tornar-se inteiramente auto-confiante, afim de esquadrinhar a ansiedade, o mêdo, as tendências, as memórias, e assim por diante. A simples auto-expressão não é criatividade, e para sermos verdadeiramente criativos, precisamos compreender o processo do eu, e, assim, libertar-nos dele. Através de agudo apercebimento daquilo que se está expressando começamos a compreender as causas limitadoras do passado que controla o presente, e nessa compreensão ardente vem a libertação da causa da ignorância. A verdadeira auto-confiança, não a auto-confiança com o propósito de mera expressão agressiva do eu, pode produzir-se somente pela compreensão do processo da ansiedade com seus valores limitadores, temores e esperanças; então a auto-confiança tem grande significação, porque pelo nosso próprio e intenso apercebimento surge a totalidade, a plenitude.

16 de Junho de 1940.

V PALESTRA

Durante os últimos quatro domingos procuramos compreender o que entendemos por ganância e alguns dos problemas envolvidos nas relações mútuas. Dividimos a ganância em desejo, amor possessivo e dependência de crenças, mas, de fato, não há tal divisão; fizemo-la para compreender a ansiedade mais plenamente. Há somente uma unidade complexa de desejo, e sua divisão artificial é feita somente por conveniência. Dissemos que a ansiedade se exterioriza de três modos, pelo mundanismo, amor possessivo e desejo de imortalidade pessoal. Talvez algum de vós tenha pensado sobre isto e visto a significação do que tenho dito e se apercebido de como a ansiedade se expressa nas relações mútuas. Naturalmente, há muitos problemas envolvidos nisto, tais como, por exemplo, ganhar a vida. Ganhar a subsistência dum modo humano e inteligente parece quase impossivel, porque a organização social é baseada no lucro pessoal, mas não podemos ter esperança de efetuar uma

remodelação completa no sistema até que haja uma mudança completa na nossa própria conciência. Para realizar essa mudança necessária, nós, como indivíduos, temos de abandonar nosso interesse em nós mesmos. Pois, como tentei explicar, o indivíduo é o mundo; suas atividades, seus pensamentos, suas afeições e conflitos, produzem o ambiente, o qual é apenas o seu próprio reflexo. Como parece quase impossivel, nas atuais condições, ganhar a subsistência honesta e humanamente, o que tem maior importância é compreender o processo da ganância e, por esse meio, libertar o pensamento das ânsias psicológicas que causam distorsões em nossas vidas.

Para transcender as condições que limitam o pensamento e o mantem em constante conflito, precisamos compreender a ansiedade expressa em nossas relações mútuas com outrem, com a sociedade. Expliquei como isto deve ser feito, não pelo mero controle, não pela simples disciplina ou renúncia, mas pelo apercebimento constante do processo da ansiedade. Isto requer aplicação extrema, paciência e vigilância constantes. Ao tornar-vos ativamente apercebidos do processo da ansiedade, percebereis que a ânsia, tal como a possessividade por pessoas e coisas, sofre uma mudança fundamental. Tambem procurei esclarecer que a expressão da ganância criou uma sociedade que dá grande importância às coisas, aos bens, às coisas materiais e outras

vaidades, o que é, em parte, a causa de conflitos que separam, antagonismos raciais e guerras.

Alem disso, vimos como a ânsia se expressa nas relações mútuas, como sensação, prazer, possessividade. Possessividade não pode ser amor, ela é o resultado do mêdo. Mêdo e tristeza penetram o nosso ser, devido ao não apercebimento do processo da ansiedade. O desejo pelo prazer e satisfação necessita a posse de outrem, assim criando e mantendo o mêdo e a tristeza. Onde há mêdo não pode haver compreensão, compaixão. Enquanto não resolvermos este problema individual das relações mútuas, não podemos solver nosso problema social, pois a sociedade é somente a extensão do indivíduo, seus pensamentos e atividades.

Assim, o desejo se expressa pela cobiça às coisas mundanas e pelo amor possessivo. Quando o pensamento é limitado pela ganância, por aquele desejo possessivo a que chamamos amor, seguramente deve haver tristeza e conflito; e, afim de escapar deste conflito e tristeza inventamos várias crenças e esperanças que imaginamos serem perduraveis e, assim, sejam satisfatórias, desapercebidos de que são ainda a criação da ânsia e, portanto, transitórias.

Nossas idéias, crenças, esperanças, estão tão profundamente enraizadas em nós que escapam à nossa observação crítica. Todavia, sem o co-

nhecimento de suas causas e origem, não pode haver verdadeira compreensão. Se as nossas idéias e crenças brotam da ignorância e do temor, então nossa vida e ação devem ser limitadas e sempre em conflito e tristeza. Mas a ignorância é dificil de extirpar.

Qual é a base do nosso pensamento? Qual é a origem da mente? Aqueles de vós que teem experimentado com a ganância terão pressentido o seu processo e as várias expressões da ansiedade; tambem terão notado a origem do amor possessivo. Ora, do mesmo modo, talvez possamos descobrir, por nós mesmos, de que fonte começa o processo de nosso pensamento diário. O simples controle das muitas expressões do pensamento não revelará sua verdadeira fonte.

Qual é a base, a raiz, do nosso processo de pensamento? É importante descobrir isto, não é assim? Se a raiz de uma árvore está afetada ou em putrefação, que valor tem a poda de seus galhos? Semelhantemente, não deveríamos, primeiro, discernir a origem de nosso modo de pensar, antes de nos importarmos com suas várias expressões e alterações? Compreendendo verdadeiramente a fonte, pelo profundo apercebimento, nosso pensamento humano libertar-se-á da ilusão e do temor. Cada indivíduo tem de descobrir esta fonte por si mesmo e, com apercebimento vital, transformar radicalmente o processo do modo de pensar.

Não tem o nosso pensamento sua fonte na ansiedade? Não é o que chamamos mente o resultado da ânsia? Pela percepção, contacto, sensação e reflexão, o pensamento se divide em gosto e desgosto, ódio e afeição, dor e prazer, mérito e demérito — a série dos opostos, o processo do conflito. Este processo, que é o conteudo da nossa conciência, o inconciente tanto como o conciente, é o que nós chamamos mente. Sendo colhido por este processo e temendo incerteza, cessação, morte, cada um de nós anseia pela permanência e continuidade. Procuramos estabelecer esta continuidade pela propriedade, nome, família, raça, e percebendo dubiamente a insegurança destas coisas, de novo procuramos a continuidade e permanência através de crenças e esperanças, de conceitos a respeito de Deus, alma e imortalidade.

Tendo acumulado várias experiências, muitas memórias e consecuções, com elas nos identificamos, mas, em nosso íntimo permanece a picada da incerteza e a apreensão da morte, pois tudo se corrompe e passa, e está num fluxo contínuo. Assim, alguns começam a justificar, para si mesmos, seu abandono completo dos prazeres deste mundo, e a sua cruel auto-expansão; outros, acreditando na continuidade, tornam-se vigilantes, ansiosos, e vivem temendo uma punição futura, ou esperançosos de uma recompensa no alem, talvez no céu ou, talvez, numa outra vida na terra.

Há várias formas de ansiedades sutis pela imortalidade, recompensa e sucesso. O pensamento está, profunda e ativamente, interessado pela idéia da continuidade de si mesmo em diferentes formas, grosseiras e sutis. Não é nossa maior preocupação na vida, a continuidade do eu nas posses, nas relações mútuas, nas idéias? Ansiamos pela certeza, mas a ansiedade cria sempre ignorância e ilusão, estabelecendo instrumentos de fé e autoridades que recompensarão e punirão. A prosecução do "eu" é a morte.

A base do nosso pensamento é a ansiedade que cria o eu, e o pensamento se expressa na vaidade mundana, no amor possessivo e na crença da própria continuidade. Que acontece a um intelecto que está ocupado consigo e suas próprias expressões, conciente ou inconcientemente? Limitar-se-á e, assim, dará importância a si mesmo. O pensamento assim ocupado deve engendrar confusão, conflito, sofrimento. Sendo colhido pela sua própria rede, tenta escapar para o futuro ou para atividades que assegurarão esquecimento imediato, o chamado serviço social, o culto do Estado ou de pessoas, antagonismo racial e social, e assim por diante. Deste modo, o pensamento fica cada vez mais envolvido na rede de seus próprios desejos e fugas. Enquanto o pensamento estiver preocupado com sua própria importância e continuidade pessoal

é incapaz de tornar-se apercebido de seu próprio processo.

Como nos tornarmos apercebidos? Alerta e desinteressadamente, observando o trabalho da mente, sem correção imediata, sem procurar controlá-la, negá-la ou julgá-la. O ardor presente para julgar, para corrigir, não vem da compreensão; ele brota da ansiedade, do mêdo. Há uma profunda e fundamental transformação do eu quando há a compreensão do processo da ânsia. A compreensão transcende a mera razão ou a emoção. A mente-intelecto é agora o instrumento da ansiedade, com sua racionalização e transbordantes desejos expansivos; confiar exclusivamente num ou noutro, para compreensão e amor, é continuar na ignorância e sofrimento.

Interrogante: O que o senhor entende por fazer experiências?

Krishnamurti: Se, conciente ou inconcientemente, estamos unicamente procurando resultados, não estamos experimentando. A experiência com o nosso próprio pensamento e sentimento, torna-se impossivel se estamos unicamente nos ajustando a um padrão, antigo ou moderno. Podemos julgar que estamos experimentando, mas, se o nosso próprio pen-

samento está influenciado e limitado, digamos, por uma crença, então a experimentação não é possivel e a maioria de nós está cega relativamente às nossas próprias limitações. A verdadeira experiência consiste em compreender, pela nossa própria vigilância alerta e pelo apercebimento, as causas que condicionam o pensamento. Porque o pensamento é condicionado? Estando incerto, temeroso, ele se apega a certezas, a resultados definitivos e consecuções, sejam elas de quem considera importante, ou de suas próprias memórias presumidas. Isto é, o pensamento move-se do conhecido para o conhecido, duma certeza para outra, duma segurança a outra, dum substitutivo a outro. A realidade não é o conhecido. Enquanto a mente for o instrumento da ansiedade, o que é concebido não pode ser real. A ansiedade alimenta sempre a ignorância e a tristeza se lhe segue. A verdadeira experiência consiste não em tentar descobrir o desconhecido, mas, sim, em compreender as forças, as causas, que fazem o pensamento apegar-se ao conhecido. Na compreensão deste processo, sempre mais profundamente, pacientemente, surge um novo elemento que ultrapassa a mera razão e a emoção.

Interrogante: Qual deveria ser minha atitude para com a violência?

K r i s h n a m u r t i : Cessa a violência pela violência, o ódio pelo ódio? Se me odiais e, em troca, eu vos odeio, se vós agís violentamente para comigo e eu procedo do mesmo modo para convosco, qual é o resultado — mais violência, mais ódio, mais amargor, não é? Há alguma outra consequência alem dessa? O ódio gera ódio, má vontade gera má vontade. Muito frequentemente, em nossas relações mútuas, individuais ou sociais, o espírito de represália produz somente mais violência e mais antagonismo.

O espírito de vingança é predominante no mundo. Podeis ter qualquer outra atitude para com a violência? Sentimo-nos poderosos sendo violentos. Para usar uma frase comercial, há maiores e mais rápidos dividendos no ódio. O indivíduo criou a atual estrutura social por causa do ódio em seu próprio íntimo, devido ao seu desejo de represália e de agir violentamente. O mundo ao nosso redor está nessa condição febril de ódio e violência, por causa da sua força astuta e deliberada, e a menos que nós, nós próprios, nos libertemos do ódio, somos facilmente arrastados pela brutal correnteza. Se vos sentís livres dele, então a pergunta sobre qual a atitude que deverieis ter para com as muitas expressões do ódio não pode surgir. Se estivesseis profundamente apercebido do ódio existente em vós, e não meramente de suas expressões astutas, veri-

ficarieis que o ódio somente gera ódio. Se tiverdes ódio em vosso íntimo, respondereis ao ódio de outrem, e como sois o mundo, fatalmente reagireis a seus temores, ignorância e ganância. Certamente tendes de odiar, agir vingativamente, se vosso pensamento está limitado ao próprio eu. A ambição e o amor possessivo teem de gerar má vontade e, se o pensamento não se livra deles, deve haver a constante ação de ódio e violência. Como apontei, nossas crenças e esperanças são o resultado da ansiedade, e quando a dúvida se projeta sobre elas, surge a raiva e o ressentimento. Compreendendo a causa do ódio, nasce o perdão, e a bondade. O amor e a compreensão surgem pelo apercebimento constante.

Interrogante: Não é natural amar os Mestres, sabendo instintivamente, sem analisar, que sua resposta vivifica nosso amor, porque somos um? Isto não é um esforço para expandir, pois o amor é a própria vida.

Krishnamurti: Há dois tipos de *gurús*, mestres ou instrutores: aqueles com quem o aluno está diretamente em contacto neste plano de existência e aqueles com quem o aluno supõe estar em contacto indiretamente. O instrutor com o qual o aluno está em contacto di-

retamente, fisicamente, observa o aluno enquanto o ajuda e guia. Isto é bastante exaustivo e dificil para o aluno. Ora, os "Mestres" não estão em contacto direto, físico, com o aluno, exceto, aparentemente, com aqueles que proclamam ser seus intermediários. Nestas relações mútuas, que teem suas próprias recompensas e ansiedades, a mente pode enganar-se ilimitadamente.

Ora, o interrogante quer saber se nosso amor por um Mestre não vivifica nosso amor? Porque procurais um Mestre para amar, quando não sabeis como amar seres humanos? Por que reclamais unidade com os Mestres, e não com seres humanos? Amar um ideal, um Mestre, um Deus, um Estado, é mais facil, não é verdade? Pois eles podem ser criados como nós imaginamos, de acôrdo com as nossas esperanças, temores, ilusões. É mais conveniente, se bem que talvez exigente, de outro modo, ter um ideal, uma longínqua imagem para amar, pois entre ela e nós não pode haver nenhuma reação pessoal desagradavel, que causa tanto sofrimento nas relações mútuas humanas. Tal amor não é amor, mas uma criação intelectual chamada amor. Não estando diretamente em contacto com um Mestre precisamos depender ou dum intermediário, ou de nossa chamada intuição. A dependência de um intermediário destrói a compreensão e o amor e, alem disso, condiciona a mente; e a cha-

mada intuição tem seus graves perigos, pois ela pode ser somente um desejo auto-enganador.

Mas, porque desejais depender de um mediador ou de uma intuição? Para aprender a não ser ganancioso, para não ter má vontade, para ser compassivo? Porque precisamos olhar para um ideal distante quando a compreensão e o amor podem ser despertados somente através das relações mútuas humanas? Quando amamos outrem, nossas paixões, nosso amor possessivo e os ciumes são despertados; encontramos tristeza e conflito nestas relações mútuas, e porque não podemos resolver este mal aquí, tentamos fugir dele.

Porque não sabemos como amar seres humanos, amamos Mestres, ideais, Deuses. Todavia, poderieis dizer que amar um Mestre é tambem amar a humanidade, amar o mais alto é amar tambem o inferior. Mas isto geralmente não acontece. Não é isto exquisito, complicado e artificial? Se não podemos amar outrem sem possessividade, sem constante conflito e dor, com o que estamos todos tão familiarizados, se não compreendemos isto, como podemos esperar compreender e amar alguma coisa mais, especialmente quando nesse algo há uma grande possibilidade de auto-decepção? Onde deve começar o amor, com Deuses, Mestres e ideais, ou com seres humanos? Como pode haver amor quando nos orgulhamos dos nossos preconceitos indivi-

duais, antagonismos raciais, ódios nacionais, e conflitos econômicos? Como podemos amar outrem quando estamos interessados principalmente na nossa própria segurança, no nosso próprio crescimento, com o nosso próprio bem-estar? Este chamado amor a ideais, Mestres, Deuses, é romântico e falso; penso que não vêdes a brutalidade disto. A adoração de Mestres, ideais, é idolatria e destrói a compreensão e o amor.

Amar e compreender não são produtos do intelecto. O amor não é para ser dividido artificialmente em amor de Deus e amor do homem. O amor assim dividido, não é mais amor. Amai completamente, inteiramente, sem pensar no eu, e, por esse meio, libertai-vos verdadeiramente do temor que necessita de várias formas de fuga e de esquecimento.

Interrogante: O que farieis se vosso filho fosse atacado?

Krishnamurti: Não tenho resposta para problemas hipotéticos. A maneira como reagimos instantaneamente à violência, depende da condição da nossa mente. Se tiverdes sido condicionado a responder à violência com violência, então agireis violentamente, mas, se es-

tais apercebido da causa e do processo da violência, então vossa ação dependerá da profundeza do vosso apercebimento e da amplitude de vossa compreensão e amor. Nosso problema é este: Pode o pensamento dissipar o centro de violência que está em nós? Sim, pode, pelo apercebimento constante e compreensão. Assim, se a violência surgir em vós inesperadamente, sabereis como agir, mas a mera especulação sobre como deveremos agir no futuro, é vã. O problema não é como agiremos quando a violência nos assaltar, mas — como podemos nos libertar agora da violência em nossos pensamentos e sentimentos? A maioria de nós está desaperecebida de seu próprio estado de ser; agimos impensadamente e a tristeza nos avassala.

Interrogante: Podemos ser auto-confiantes a despeito da frustrada auto-expressão? O processo da auto-revelação não faz parte da necessária auto-confiança?

Krishnamurti: Precisamos descobrir, por nós mesmos, o que é que está se expressando em nós, antes de darmos tanta importância a auto-expressão. Não pode haver frustração se compreendermos a natureza do nosso eu que está ansioso por se expressar. Dar importância à

auto-expressão causa frustração. O indivíduo se expressa por seu condicionamento, e aquela limitação que ele insiste em pensar ser sua auto-expressão, é somente tristeza e frustração. O que é que está constantemente procurando expressão em nossa ação diária? Não é a ânsia em formas diferentes, tais como poder, sucesso, satisfação?

Eu disse que as relações mútuas são um processo de auto-revelação. Se o pensamento se permite, sem qualquer embaraço, perceber seu próprio processo na ação e inter-ação das relações mútuas, então há o começo da compreensão das causas do conflito e da tristeza; esta compreensão é a verdadeira auto-confiança. Até que compreendamos plenamente o processo da ansiedade com seu temor auto-protetor, que é muitas vezes revelado nas relações com outrem ou com a sociedade, a auto-expressão se torna somente uma barreira entre homem e homem. Esse apercebimento compreensivo exige extremo interesse e discernimento, que é a verdadeira meditação.

VI PALESTRA

Aqueles de vós que teem assistido regularmente a estas reuniões, terão um pouco de paciência, pois vou fazer aos recem-chegados um curto resumo do que disse:

Durante as últimas cinco semanas, estivemos tentando compreender o problema da cobiça e das relações mútuas. Procurei explicar que enquanto alguem depende psicologicamente de coisas, de posses, tem de haver ganância, a qual cria múltiplos problemas sociais e individuais. A necessidade natural do homem não é ganância, mas passa a ser ganância quando as coisas assumem significação e importância psicológica. Estando aprisionado pela cobiça como pode o pensamento libertar-se dela? Esta libertação não vem da mera renúncia ou privação, mas do entendimento integral do processo da ansiedade. Compreensão não é controle ou restrição, mas um processo que ultrapassa tanto a razão como a emoção, por meio do atento discernimento.

Depois de tratar da ganância e de suas complexidades, entrei na questão das relações humanas, pessoais, nas quais, como nós, em maioria, percebemos, há constante conflito. Procurei esclarecer que as relações mútuas são um processo de auto-revelação, revelação de nós mesmos pelo contacto com outrem. Isto é, se o permitirmos, outros podem ajudar-nos a vermo-nos como somos, mas esta revelação nos é negada, se deles dependermos ou se os utilizarmos para nossa satisfação e felicidade, seja fisiológica ou psicológica. Pois, a condição de dependência é causada pelo temor que dá origem ao amor possessivo. Neste estado de temor não pode haver auto-revelação ou a compreensão de nós mesmos. As relações mútuas são profundas; necessitam de constante ajustamento que se torna impossível se estivermos sempre procurando satisfação e certeza. Se o indivíduo não compreender suas relações com outrem e as causas do conflito nelas envolvido, então suas relações com a sociedade o conduzirão, inevitavelmente, ao atrito e à ação anti-social. A extensão do indivíduo é a sociedade.

No último domingo, verificamos como a dependência de idéias cria dogmas, crenças, credos e cultos, que colocam o homem contra o homem. Pode o pensamento jamais estar livre de toda dependência, seja do passado ou do futuro? A dependência é uma indicação do temor que

impede a compreensão do real. Quando o pensamento depende de coisas ou de pessoas para o seu bem-estar, deve haver temor que cria ilusão e tristeza. Do mesmo modo, a dependência de várias crenças e ideais, que criamos para nós mesmos, impede a compreensão das relações humanas e a unidade do homem. Observamos a prossecução contínua deste processo no mundo, pelas divisões sociais e religiosas; cada grupo está ansioso por conservar, a todo o custo, sua própria identidade separativa e aspira converter outros grupos, ou dominar sua resistência para sua própria segurança. Deste modo o mundo está dividido violentamente por crenças, ideais, dogmas e credos. Como expliquei, na semana passada, o pensamento em sua incessante busca de segurança, move-se dum ancoradouro para outro; mas em cada ancoradouro há incerteza; apesar disso, espera alcançar uma certeza última. Assim ele cria uma realidade ideal, um deus que seja de satisfação última. Sobre o fundo do conhecido, a mente procura encontrar o desconhecido, assim criando dualidade. A mente tornou-se um depósito de experiências e memórias; é o passado com suas tradições e certezas acumulativas, limitando o presente e bem assim o futuro. Com este fardo, o pensamento tenta compreender o desconhecido. O que é conhecido não é realidade.

De que fonte nasce o nosso pensamento?

Origina-se, certamente, da ansiedade, do desejo expansivo e transbordante, não é? Percepção, contacto, sensação, dão origem à reflexão; então a ânsia gera estes desejos expansivos nos quais o pensamento fica embaraçado. Assim dá princípio ao conflito dos opostos, o agradavel e o doloroso, o transitório e o permanente. Nossa conciência está presa no conflito das oposições, da dor e do prazer, das abstenções e identificações, do eu e do não-eu. O conteudo da nossa conciência, que consideramos como nosso ser inteiro, é composto desses valores duplos e contraditórios, tanto mentais como emocionais.

Observai vosso próprio processo de pensar e verificareis que nasce de qualquer temor, da ansiedade, afeição, esperança, da sensação do que é meu e do que não o é. Em outras palavras, o pensamento está escravizado pelo desejo insaciavel. Este pensamento dependente divide-se em superior e inferior, o conciente e o subconciente, e há conflito entre os dois. O conciente influenciado pelo subconciente, cria esta faculdade a que chamamos intelecto, a faculdade de discernir, de discriminar, de escolher. A memória, a tradição, o valor imposto pela sociedade, pela religião, e a experiência pessoal influenciam nosso discernimento. O pensamento, em nossa vida diária, está ocupado com a criação, a continuidade e a modificação da tradição. Desembaraçar-se do conflito existente, impedí-lo

de surgir, e criar um estado no qual não haverá conflito; vencer alguma tristeza que haja, evitar qualquer surto futuro da tristeza, e encontrar a paz perduravel; este é o desejo da maioria, de nós, não é? A vontade de desejos expansivos, com seus conflitos e dores; a vontade de conter-se ou de abster-se e a vontade de renunciar; todas estas formas de vontade ainda estão dentro da limitação da ansiedade. Se pudermos compreender o pleno significado de todas essas formas de vontade, e como elas procedem na vida, na ação, então, pelo apercebimento intenso e discernimento, há uma compreensão que não é o resultado do simples controle, abstenção, ou renúncia. Esta compreensão é o resultado natural do profundo conhecimento do processo da ansiedade nas suas diferentes formas. Isto exige agudo interesse, do qual surge uma concentração espontânea. A compreensão não é uma recompensa; nasce no mesmo instante do apercebimento.

Os desejos em expansão, com suas várias camadas de memórias, as divisões do superior e inferior, e os diferentes tipos de vontade, formam o conteúdo da nossa conciência. O intelecto, a faculdade de dicernir, de escolher, está influenciado pelo passado, e se simplesmente confiarmos nessa faculdade para compreender, para amar, então nossa compreensão, nosso amor, serão limitados. A realidade, ou qualquer outro

nome que se lhe queira dar, é para a maioria de nós, o produto do intelecto ou da emoção e, assim, deve, inevitavelmente, ser ilusão. Mas, se ficarmos vivamente apercebidos do processo da ansiedade, a compreensão virá naturalmente ao ser. Este apercebimento não é auto-introspecção mórbida, mas uma viva, alegre percepção, na qual o conflito da escolha não mais tem lugar. O conflito da escolha surge quando o intelecto, com seus temores e limitações do "meu" e de outros, do mérito e demérito, de fracasso e sucesso, começa a projetar-se na solução de nossos problemas humanos. É da ansiedade, nas suas diferentes formas, que precisamos ficar apercebidos; esta ânsia não é para ser negada ou repelida, mas compreendida. Pela simples abstenção ou renúncia o pensamento não se liberta do temor e de suas limitações.

Interrogante: Como manter desperta a inteligência?

Krishnamurti: Certamente, esta é uma forma errada de fazer a pergunta, não é? Ou estais apercebidos ou não. Não há implícito nesta pergunta o sutil pensamento de que sois fundamentalmente inteligentes, de que, oculto em vosso íntimo, existe a realidade ou Deus e

que esta inteligência que reside em vós está guiando, amoldando a vossa vida? E, ao mesmo tempo, sendo colhidos na ignorância e tristeza, como vos podeis conservar despertos para sua beleza e incitamento?

Ora, onde há escuridão não pode haver luz, onde há ignorância não pode haver compreensão ou amor. Se sois Deus, então não estais sofrendo, não tendes mêdo, não sois brutais nem cubiçosos; mas *estais* sofrendo, *tendes* mêdo, assim *isto* não pode ser falso, e sustentar que não estais sofrendo, porque sois a verdade ou Deus, é enganar a vós mesmos e estar na ilusão.

Só o apercebimento cuidadoso e discernente pode despertar a inteligência. Tornando-vos apercebido do que vos rodeia, principiais a perceber o criador desse ambiente, que sois vós mesmos; vereis como vos tendes separado dele e, por isso, começado um processo duplo de conflito entre o eu e o não eu. Mas, por este apercebimento, começais a compreender a causa dos vossos próprios preconceitos, temores, vossos antagonismos nacionais e raciais, vossa ansiedade. Tentando compreender o ambiente encontrar-vos-eis, o investigador, e descobrireis que vós mesmos sois limitados. Então, como pode o pensamento livrar-se de suas próprias limitações? Pode assim fazê-lo somente apercebendo-se intensamente do seu próprio processo de ganância, amor possessivo e ânsia por sua própria

continuidade. Este apercebimento estrenuo cria sua própria compreensão.

Interrogante: O que posso esperar?

Krishnamurti: Não pretende o interrogante perguntar: o que há para mim no futuro? Estamos buscando a beatitude no futuro, e por esse meio criamos, imaginativamente, idealmente, ou romanticamente, um estado ao qual aspiramos de modo constante, com um sentimento nostálgico diferente. A esperança indica um futuro. Isto é, tendo sido frustrados em nossos desejos e ambições e achando-nos colhidos neste mundo de luta brutal e de tristeza, esperamos por um feliz, pacífico estado futuro. Há uma beatitude no futuro, para alem de todos esses estados transitórios?

O tempo é o passado, presente e futuro contínuos. A esperança, o resultado do presente influenciado pelo passado, está relacionada com o futuro. Esperança no futuro implica o adiamento do presente. Olhar para o futuro é fugir do presente. Quando estais interessados pelo futuro, precisais ter teorias satisfatórias sobre ele, o que sereis, o que não sereis, e assim por diante. Precisais criar teorias que vos ajudarão a ultra-

passar o presente, com seus sofrimentos e temores. Assim, começamos a retardar; pois, olhar para o futuro é evitar o presente. Ou, se não buscais o futuro, então cuidais da alteração imediata do presente. Quando estais interessados em alcançar a beatitude no presente, deve haver precipitação, um desassossêgo, uma rápida, impaciente, inconsiderada aceitação de segurança para ganhar o que desejais. Ambos estes aspectos do tempo, adiamento e precipitação, produzem a ilusão.

Mas olhar para o futuro por esperança ou esperar no presente para consecução imediata é criar decepção da qual surge a tristeza. A beatitude está sempre no presente. Jamais pode estar no futuro. Mesmo no futuro há sempre o presente. Se não podeis compreender o presente não o compreendereis no futuro. Se não compreendemos agora, como poderemos compreender no futuro? Se não estivermos vivamente apercebidos agora, como poderemos realizar isto no futuro? A beatitude está sempre no presente, e para compreendê-la é preciso ter interesse e apercebimento constante. A paz está sempre no presente, mas, para entendê-la, não devemos estar preocupados com o tempo. O pensamento precisa libertar-se do passado, presente e futuro contínuos; nessa libertação, aquilo que é, é imortal, fora do tempo. A beatitude não é uma recompensa. É preciso estarmos alerta, atentos,

num estado de contínua compreensão, jamais deixando passar um só pensamento ou uma palavra sem considerar sua significação. Este estado de apercebimento, que é felicidade, não deve ser confundido com a auto-introspectiva análise mórbida. A beatitude está sempre no presente, e para conhecê-la devemos estar livres da servidão do tempo.

Interrogante: Acreditais no Karma e na reencarnação?

Krishnamurti: Ouço alguns de vós gemer. Porque? Compreendeis o problema do *Karma* e da reencarnação, tão bem assim, ou estais enfastiados dele, ou cançados?

Audiência: Não.

Krishnamurti: Então, entremos na pergunta, sincera e completamente, porque penso ser importante compreendê-la, pois, conciente ou inconcientemente, nós, em maioria, pensamos em termos de renascimento, continuidade e imortalidade pessoal. Abordaremos primeiro a idéia do *Karma*. É uma palavra Sanscri-

sua significação básica é agir, fazer, trabalhar. Se o pensamento está agrilhoado, limitado, então toda ação nascida dele, está tambem agrilhoada, limitada. Uma bolota produzirá um carvalho; a semente contém a futura árvore. Uma causa deve produzir um certo efeito, um certo resultado. Experimentamos isto na nossa vida diária. Fazemos alguma coisa ávida ou viciosamente, sem compreensão. Isto traz o seu próprio resultado. Se odiais, o resultado disto é futuro ódio e violência. Se o pensamento é acanhado, pessoal, deve sempre criar, com modificação e variação, maior ignorância, futura limitação, e não pode escapar dos seus resultados. O resultado pode ser sempre alterado ou modificado de acôrdo com a nossa compreensão e integridade de nosso pensamento. Uma causa pode não produzir necessariamente um resultado definitivo, esperado, pois há sempre fatores e influências que tendem a modificar ou mudar o efeito. O pensamento não pode escapar de sua ação e reação limitadas até compreender profunda e plenamente a causa e o processo de sua própria servidão.

Consideremos, por exemplo, um Hindú; o pensamento que ele expressa é limitado pelas crenças e tradições de um Hindú, que são os resultados da ansiedade, ignorância, temor e conveniência acumulados. Quando este pensamento se expressa na ação, então esta ação cria

futura limitação do pensamento. Nesta realidade muito drástica e simples, a recompensa e o castigo teem sido introduzidos, para deter a chamada má ação. Se alguem é bom — o bom dependendo da limitação de pensamento, não dá compreensão, — então no futuro ou na próxima vida será convenientemente recompensado, e se não o é, será convenientemente punido. Esse elemento temor, como recompensa e castigo, destrói a compreensão e o amor. Se o pensamento é influenciado pela recompensa e pelo castigo, lucro e perda, consecução e fracasso, então não pode compreender a ansiedade que procura recompensa e evita o castigo. O pensamento somente pode compreender seu próprio processo se ele não se identifica com qualquer uma de suas próprias criações, desejos expansivos, e a elas se apega. A dissociação do nosso pensamento da idéia de recompensa e castigo, requer atento apercebimento, e neste processo cada indivíduo descobrirá sua própria forma particular de condicionamento. A mera descoberta da causa não é compreensão; somente a ação nascida do entendimento liberta o pensamento da limitação.

A idéia da reincarnação envolve o renascimento do "eu" que é considerado como uma essência espiritual, a alma — e isto implica um estado fora do tempo — assim como as várias camadas que encobrem a realidade no homem. A este eu é atribuida a faculdade de continuar

a nascer várias vezes até alcançar perfeição, realidade, libertação. Estamos tentando compreender a idéia; não estamos condenando a teoria, assim, por favor, não vos coloqueis na defensiva.

Se pensais que sois uma entidade espiritual ou realidade, o que significa isto? Não implica um estado imortal fora do tempo que é eterno? Se ele é eterno, então não tem crescimento; pois aquilo que é capaz de crescimento não é eterno. Se a alma é uma essência espiritual, acima e alem de todo o condicionamento físico, separada desta coisa chamada o *eu*, então o *eu* não é de importância. Nesse caso, porque nos apegamos a ele tão desesperadamente? Porque somos apanhados em sua perpetuação, em suas atividades, em suas ambições e feitos, em seus desejos expansivos? Assim, quando dizemos que há uma entidade espiritual, independente de toda a influência e condicionamento, seguramente tal idéia é uma ilusão, não é assim? E, tambem, se esta entidade espiritual está alem, acima e ainda em nós, se não pode ser contaminada, se nada pode ser adicionado a ela, então porque nos esforçarmos para compreender, porque lutamos para nos tornar mais perfeitos? Se essa essência espiritual é supostamente amor, inteligência, verdade, então como pode ser cercada por essas trevas que confundem, por esta violência e ódios, por esta febril busca das exigências do *eu*? Não obstante, assim é. Isto não quer

dizer que eu esteja negando a realidade que só pode ser compreendida quando entendemos a ilusão e não mediante a invenção de ilusões. Aceitamos esta idéia de entidade espiritual separada do *eu*, porque tal idéia é muito satisfatória e confortante. Mas, o que é o *eu*? Vemos a continuação do carater, o *eu* ser diferente de outro *eu*. Como expliquei, o pensamento condicionado deve continuar a criar futuras limitações para si próprio. O *eu* não é somente uma forma particular, física, com seu nome, mas, alem de sua aparência externa, há o *eu* psicológico. O que é esse *eu*? Uma representação de influências e limitações prévias nascidas numa certa família, pertencendo a um certo grupo, a uma raça particular, com seus preconceitos, seus ódios e superstições, temores etc. Esses temores e condicionamentos originam-se na ignorância, na ansiedade. Estas limitações teem sido transmitidas de pai a filho diretamente, até que o eu seja tambem este pai, este passado.

Audiência: Isto é interessante.

Krishnamurti: Dizeis que isto é interessante; se visseis no que isto implica, compreenderieis seu real significado e não estarieis apenas interessados intelectualmente. Meu pai é tambem eu mesmo. As idéias e as crenças, que

meus antepassados tiveram e que chegaram até a mim, combinam com a presente ação e reação e tornam-se o eu do presente. Assim, o carater é preservado e continuado, a minha pessoa de hoje renascendo como outra no futuro. Sem sentimentalismo, falsa emoção e preconceito, podemos perceber a profunda significação e a realidade do que estou dizendo: que nossos antepassados, pelos seus desejos, temores e esperanças, criaram um certo padrão de pensamento que está continuando parcialmente em nós; aquelas idéias, em combinação com o presente, criaram este pensamento estreito e limitado que é o *eu*. Este *eu*, esta ignorância, este *eu* mesmo, continuarão no futuro como sendo um outro ser. Assim, o mundo, o gênero humano sou eu mesmo. Se eu, sendo o mundo, como vós, ajo impensadamente, devo aumentar e perpetuar a ignorância com todos os seus efeitos, temores e ódios. Assim, o que faço tem grande importância, não em termos de recompensa e castigo. Mas quando estou profundamente preocupado com o *meu* renascimento, *minha* imortalidade, a continuação das *minhas* experiências de consecução e tristeza, tal preocupação deve conduzir a conclusões erradas e impensadas. O *eu* é um estado condicionado, limitado, e assim é irreal. A realidade é o estado que está livre do *eu*.

Ora, nós em maioria, estamos aptos para pensar que causa e efeito são cíclicos. Se assim fosse no passado, devia ser assim no presente e tam-

bem no futuro. Mas isto não é assim, pois há sempre uma mudança contínua e, consequente modificação no efeito. Compreendendo as passadas influências e limitações, e discernindo seus efeitos, o pensamento pode transformar-se no presente e não necessita estar amarrado ao passado. O pensamento pode livrar-se, no presente, do cativeiro do passado pelo apercebimento intenso. Tomai, por exemplo, um Hindú ou um Cristão com seu fundo social e religioso; vivem irrefletidamente num estado limitado e, portanto, na tristeza e atribuem esta tristeza ao *Karma*, ao passado e não à sua irreflexão. Isso é indolência, é uma forma de presunção que nos faz apegarmo-nos ao passado. A beatitude não está no passado ou no futuro, mas no presente, para aqueles que, pelo alegre apercebimento, compreendem e assim estão livres da causa da ignorância, que é a ansiedade.

Se refletirdes seriamente sobre o que tenho dito, então a inteligência brotará de vossa própria sinceridade. O conhecimento é totalmente sem valor se não se referir à vossa vida diária. Se formos mundanos, dependendo psicologicamente de coisas para nossa felicidade pessoal, se nosso amor é possessivo e nosso pensamento estropiado por crenças e temores, então a vida se torna uma tristeza crescente. No alegre e extremo apercebimento o pensamento se liberta de suas limitações; da auto-confiante e exercitada compreensão vem a paz.

VII PALESTRA

O mundo, especialmente na atualidade, está num estado de confusão, conflito e em profunda tristeza. Podemos criar uma concepção teórica do que o mundo deveria ser e procurar ajustar-nos a tal idéia, mas, no final das contas, isto não contribuiria para a compreensão do complexo problema da vida, embora pudesse aliviar, momentaneamente, nossos sofrimentos. O intelecto é a faculdade de discernir, e quando é limitado, como o é agora, as esperanças teóricas são de pouca utilidade. Quando tanta gente está dominada pelo ódio, por uma ambição cruel que está criando tanta devastação e miséria, vós, pelo menos como indivíduos, podeis vos libertar destas causas e ajudar a construir um mundo mais feliz e sensato. Se tendes o desejo de ajudar o mundo, deveis começar por vós mesmos, pois o mundo sois vós. A condição atual do mundo foi criada, conciente ou inconcientemente, por todos nós, e para alterá-la fundamentalmente, devemos, deliberada e inteligentemen-

te, orientar nossas mentes e corações afim de realizar completa mudança em nós mesmos. Se não compreendermos isto profundamente e se procurarmos apenas organizar um melhor sistema econômico e social, sinto que os nossos esforços jamais criarão um mundo mais feliz e sensato. A não ser que o indivíduo esteja em harmonia consigo mesmo, tornar-se-á inevitavelmente anti-social em suas relações para com outrem, relações estas que, em última análise, são a sociedade.

Estivemos tentando compreender o que é que cria em nós, como em torno de nós, tanta confusão e miséria. O valor exagerado que damos às coisas, quando delas dependemos psicologicamente, cria a ganância. As necessidades humanas não corromperão nossos pensamentos e sentimentos, se, psicologicamente, não nos tornarmos dependentes de coisas e possessões. Enquanto as nossas relações mútuas forem de carater possessivo, deve haver conflito, pois o conflito somente surge quando há dependência fisiológica e psicológica. Já expliquei como o mundo está corrompido e dividido por indivíduos e grupos que dependem de crenças, de dogmas e teorias, sejam políticas, sociais ou religiosas. Tais crenças e dogmas teem sua origem na ansiedade de cada indivíduo pela sua própria segurança, não somente econômica, mas tambem psicológica e espiritual.

Assim, estamos num mundo dividido, não só racial e economicamente como tambem social, nacional e religiosamente. Estamos apercebidos disto. Então, o que devemos fazer? Como quebrarmos este círculo vicioso de ganância, de amor possessivo, de imortalidade pessoal? Será possivel quebrá-lo completamente, sem cair em outras formas sutís de avareza, poder e possessividade? Como conseguiremos a remoção da causa de tanto sofrimento e ilusão?

Devemos ficar apercebidos, atentos. Vou explicar o que entendo por apercebimento. Precisamos tornar-nos concientes do que somos. Como nos tornarmos concientes do que somos? Ficando interessados. Isto é, ao tomarmos interesse, surge uma natural concentração que desperta a vontade. Concentração é a convergência de todas as energias sobre alguma coisa na qual estamos interessados. Por exemplo, quando nosso interesse está em ganhar dinheiro e no poder que o dinheiro dá, ou quando ficamos absorvidos num livro ou em qualquer atividade criadora, há, então, uma concentração natural. A vontade desperta quando há interesse. Quando não o há, surge a dispersão do pensamento, contradição de desejos. O começo do apercebimento é a natural concentração do interesse em que não há conflito de desejos e escolha, e, por isso, há a possibilidade de se compreender os diferentes desejos que se opõem. Se o pensa-

mento está procurando um certo resultado definitivo, há exclusão ou agregação, o que conduz à falta de plenitude e isto não é o apercebimento de que falo. Não podeis compreender todo o complexo processo do vosso ser se estiverdes procurando resultados ou tentando alcançar um estado que pensais ser a paz, a realidade ou a libertação. Apercebimento é a compreensão total do processo do desejo conciente e inconciente. No princípio mesmo do apercebimento, há a percepção do que é verdadeiro; a verdade não é um resultado ou uma consecussão, mas é para ser compreendida. No próprio processo da compreensão, por exemplo, da ganância, há a realização do que é verdadeiro. Esta compreensão não nasce da simples razão ou da emoção, porém é o resultado do apercebimento, da perfeição da ação-pensamento.

Quando estamos concientes, ficamos apercebidos de um processo dual que se opera em nós — querer e não querer, desejos expansivos e desejos reprimidos. Os desejos expansivos teem a sua forma própria de vontade. A concentração sobre os desejos expansivos, e sua ação, cria um mundo de competição e divisão em mundanismo, amor possessivo e ansiedade pela continuidade pessoal. Ao percebermos as consequências destes desejos expansivos, que tanta dor e tristeza nos causam, nasce o desejo de refreá-los, com seu próprio tipo de vontade. Assim há conflito

entre a vontade expansiva e a vontade de reprimir. Este conflito tanto pode criar compreensão ou confusão e ignorância. A vontade expansiva e a vontade de reprimir são a causa da dualidade, fato que não pode ser negado.

Embora os opostos tenham uma causa comum, não podemos passar ligeiramente sobre eles ou pô-los de lado; temos de compreendê-los para ficarmos livres do conflito dos opostos. Sendo invejosos e, por isso, concientes do conflito e da dor, procuramos cultivar o seu oposto, mas nisto não há libertação da inveja. O motivo que nos leva a cultivar o oposto, é muito importante; se for um desejo para fugir da luta e do sofrimento da inveja, então o seu oposto torna-se idêntico consigo mesmo, e, portanto, não há libertação da inveja. Ao passo que, se considerarmos profundamente a causa intrínseca da inveja e nos tornarmos apercebidos de suas várias formas, com suas incitações, então, neste entendimento, há libertação da inveja, sem criar seu oposto. A concentração que surge no processo do apercebimento não resulta do auto-interesse ou da mórbida auto-introspecção. Como disse, estar interessado é ser criativo, e isto é felicidade. Esta concentração do interesse vem naturalmente quando há apercebimento. Quando há comprenesão do processo dos desejos expansivos, com sua denominada vontade positiva e repressiva, nasce a plenitude, o preenchimento que

não é criação do intelecto. O intelecto, a faculdade de discernir, é o instrumento do entendimento e não um fim em si mesmo. O entendimento transcende a razão e a emoção.

I n t e r r o g a n t e : *Qual é a melhor atitude relativamente a esta terrivel guerra na Europa? Podemos fazer algo por meio do pensamento? Sinto os horrores e os sofrimentos desta guerra. Posso escapar disto? Posso fugir disto se eu mesmo disto me desassociar? Quereis fazer considerações em vossa palestra sobre as condições do mundo no presente?*

K r i s h n a m u r t i : Quase sempre julgamos erroneamente que a miséria e o caos do mundo surgem de uma única causa e que, dominando-a, poderíamos trazer ordem e felicidade ao mundo. A vida é um processo complexo e precisamos ter ampla e profunda compreensão para abranger a sua imensidade. A guerra é o resultado da nossa vida diária, de nossa aquisividade, de nossa atitude comum para com os nossos companheiros homens no denominado tempo de paz. Em nossa vida diária somos agressivos, competidores, vingativos, nacionalistas, interesseiros, o que, inevitavelmente, culmina em guerra; tanto intelectual como emocio-

nalmente, somos influenciados e limitados pelo passado que produz a presente reação de ódio, de antagonismo e conflito. Intelectualmente, somos incapazes de discernir claramente, e, por isso, estamos confusos; somos incapazes de discernimento crítico porque a nossa faculdade de pensar tornou-se entorpecida por limitações e influências prévias. Até que o pensamento se liberte delas, luta e guerra, dor e tristeza continuarão. Até que nossas próprias vidas não mais sejam agressivas e cúpidas, e psicologicamente cessemos de procurar segurança, deixando, por isso, de dividir o mundo em diferentes classes, raças, nacionalidades, religiões, não pode haver paz.

Embora pudesse haver superficialmente uma cessação desta carnagem, todavia, até dirigirmos nossas mentes e corações, com ardor e esforço, para compreender e assim nos libertar daquelas causas psicológicas da aquisividade, amor possessivo e continuidade do eu, a luta e a miséria existirão sempre. A paz vem do nosso íntimo e não do exterior. Esta compreensão da paz exige pensamento profundo e sincero.

Perguntais se podeis escapar da guerra na hipótese de vos desassociardes dela. Como podeis desassociar-vos da guerra? Pois sois a causa da guerra. Porque estais associado a esta guerra em curso? É porque nela estão envolvidos vossos parentes, ou então porque sois emocionalmente

por ela arrastado. Vossa tristeza será compreensivel se os vossos parentes estiverem envolvidos nela, mas, estar envolvido nela apenas emocionalmente é mera insensatez. Se vos desassociardes simplesmente desta forma de excitação, indubitavelmente procurareis voltar-vos para outras formas. A não ser que compreendais porque motivo dependeis da sensação, desta constante busca de excitação que se torna vulgar e degradante, descobrireis sempre novas formas de excitação e satisfação. A causa é profunda e tendes de compreendê-la para vos libertardes das suas superficialidades.

Não penseis que tereis paz simplesmente desejando a paz, enquanto em vossa vida diária, de relações mútuas, permanecerdes agressivos, aquisitivos, procurando segurança psicológica aquí ou no alem. Tendes de compreender e dissolver a causa central do conflito e da tristeza, e não apenas olhar para o exterior pedindo paz. Mas, observai, a maioria de nós é indolente. Somos por demais preguiçosos para fazermos face a nós mesmos e compreender-nos, e com esta preguiça, que na realidade é uma forma de pretenção, pensamos que outros resolverão este problema para nós e nos darão a paz, ou que devemos destruir os aparentemente poucos que estão causando as guerras. Quando o indivíduo está em conflito em seu próprio íntimo, deve, inevitavelmente, criar conflito externamente. Somen-

te ele pode produzir a paz em si mesmo e, portanto, no mundo, porque ele é o mundo.

I n t e r r o g a n t e : *Deveríamos evitar novas responsabilidades de modo a não termos motivos para novos desejos?*

K r i s h n a m u r t i : Isto depende, certamente, do modo pelo qual nos desobrigamos das velhas responsabilidades. Se estas não foram completamente compreendidas, ou foram abandonadas, o fato de tomar novas é apenas a continuação do estado antigo, embora sob diferente forma. Devo explicar isto ainda mais?

A u d i t ó r i o : Sim, por favor.

K r i s h n a m u r t i : O que consideramos responsabilidades novas são realmente a continuação das velhas, sob condições diferentes. Assim, antes de assumirmos novas responsabilidades, devemos considerar como preenchemos as precedentes; se não as preenchemos e unicamente as abandonamos, levados pela raiva, pela insensatez ou obstinação, então devemos pensar por que tomarmos novas. A adoção de novas responsabilidades pode ser apenas a continuação da ansiedade pela sensação, pelo conforto, porque

o desejo anterior não foi completamente compreendido e dissolvido. O desejo está sempre procurando ulteriores expressões e expansão; e o simples fato de tomar novas responsabilidades não o satisfará, pois não há fim para o desejo, para a ansiedade. Porém, na compreensão do processo do desejo, mediante o apercebimento do que ele implica e das suas causas, sabereis, por vós mesmos, se deveis assumir novas responsabilidades ou não. Naturalmente, eu não posso dizer-vos o que deveis fazer, pois somente vós podeis descobrir isto por vós próprios, definitivamente.

Interrogante: Quereis, por favor, dizer-nos qual a vossa concepção de Deus?

Krishnamurti: Ora, porque queremos saber se há Deus? Se pudermos compreender profundamente a intenção desta pergunta, descobriremos muitas coisas. Crença e descrença são verdadeiros obstáculos à compreensão da realidade; crenças e ideais resultam do mêdo; o mêdo limita o pensamento e, para fugirmos do conflito, voltamo-nos para várias formas de esperanças, de estímulos e ilusões. A realidade é uma experiência autêntica e direta. Se dependermos da descrição de outrem, a realidade cessa, porque aquilo que é descrito não é real. Se jamais provamos o sal nenhuma descrição do

seu gosto tem valor. Temos de prová-lo, por nós mesmos, para conhecer-lhe o sabor. Ora, nós, em maioria, desejamos saber o que é Deus porque somos indolentes e é mais facil dependermos da experiência alheia do que da nossa própria compreensão; fato que cria em nós uma atitude de irresponsabilidade; e então tudo o que fazemos é apenas imitar alguem, modelando a nossa vida pelo padrão ou experiência de outrem, de modo que, ao seguirmos o exemplo, pensamos já ter atingido, conseguido, realizado. Para compreender o ultérrimo deve haver libertação do tempo, deste contínuo passado, presente e futuro, dos temores do desconhecido, do fracasso e do sucesso. Fazeis tal pergunta porque desejais ou comparar a vossa imagem de Deus com a minha e assim proteger-vos ou condenar, o que samente conduz a contendas e a engolfarmo-nos em opiniões. Este caminho não conduz à compreensão.

Deus, Verdade, ou seja qual for o nome que escolherdes para designar a realidade, não pode ser descrito. O que é descritivel não é real. É inutil perguntar se há Deus, porque a realidade surge quando o pensamento se liberta das suas limitações, das suas ansiedades. Se fomos educados na crença de Deus, ou em oposição a ela, o pensamento fica influenciado, formando-se um hábito que se transmite de geração para geração. Tanto a crença como a descrença em Deus im-

pedem a compreensão de Deus. Estando ancorados na crença, qualquer experiência que possais ter, em concordância com vossa crença, só pode fortalecer o condicionamento anterior. A simples continuação do pensamento limitado não é uma compreensão da realidade. Quando afirmamos que pela nossa própria experiência há ou não há Deus, estamos repetindo e continuando experiências influenciadas pelo passado. Experiências, sem a nossa compreensão das causas do cativeiro, não nos dão sabedoria. Se continuarmos a repetir uma certa influência a que chamamos experiência, ela somente fortalece nossas limitações, e, assim, não nos traz a libertação delas. A opinião, como já mostrei na minha palestra, é o resultado da ansiedade e, por esta razão, é transitória; e quando a mente concebe uma teoria a respeito de Deus ou da verdade, tal teoria está sujeita a ser o produto do próprio conceito dela, pelo que não é real. Precisamos nos tornar apercebidos das várias formas do desejo, do temor... etc.; e, pela constante pesquisa e discernimento, nasce uma nova compreensão que não é o resultado do intelecto nem da emoção. Para compreendermos a realidade deve haver um apercebimento constante e ardente.

Interrogante: Qual é a significação do Cristo ou qual o problema do Cristianismo na época atual?

K r i s h n a m u r t i : Que está acontecendo na época presente? Há confusão, ódio, temor, ganância, guerra. Ora, qual a resposta para tudo isto? Há uma resposta Cristã, Hindú ou Budista para tudo isto, ou há apenas uma solução verdadeira? Cada religião e cada grupo dogmático, julga que somente ele possue a chave para a solução do presente caos. Há competição entre as religiões, com seus sistemas e sacerdotes. A solução do presente caos está em vós mesmo e não em outrem. Podeis, por meio da auto-confiança, produzir paz em vosso íntimo e, assim, no mundo, que é uma extensão de vós mesmo. Nenhum guia vos pode dar paz. O que é importante é compreender como vosso próprio pensamento e ação criam o presente caos e miséria, e somente por meio do vosso próprio auto-confiante e discernido apercebimento pode haver libertação desta incessante confusão e agonia.

I n t e r r o g a n t e : Haverá alguma relação mútua entre mim e a realidade?

K r i s h n a m u r t i : Esperançosamente, supondes, não é assim, que deveria haver uma relação mútua entre a realidade e vós? Acreditais que a realidade ou Deus, ou o que quer que seja a que gosteis de dar outra denominação, está

em vós, embora oculto pela ignorância; e, por isso, perguntais qual é a relação entre esta ignorância e a realidade. Pode haver alguma relação entre a ignorância e a compreensão? Ora, quais são estas cobertas, estas camadas que supomos esconder a realidade? Que é o eu que está fazendo esta pergunta? Não é o eu uma certa forma, um nome, um certo conjunto de qualidades, memórias, que se dividiram em alto e baixo, em espiritual e não-espiritual, etc.? Tudo isto é o eu.

Ora, desejais saber se há alguma relação entre este eu e a realidade. Que é a realidade? Não sabeis, mas tendes uma esperança, uma aspiração por ela. Pode haver alguma relação entre o conhecido, o eu, e o desconhecido? Podeis descobrir se há alguma relação mútua somente compreendendo o que sois e não supondo ou afirmando que há uma relação entre o eu e a realidade. Certamente, se o eu é transitório, como de fato o é, o que podemos observar de dia para dia, então, qual é a relação existente entre o transitório e alguma coisa que o não é? Nenhuma. Ao compreendermos completamente o processo do eu e sua transitoriedade, sem estar apegados a ele, há a compreensão da realidade. O eu é este feixe de desejos, de ganância, de amor possessivo, de ânsia pela imortalidade, aquí ou no além, e, por meio de apercebimento ardente, o processo do desejo pode ser transformado em

paz que não é uma esperança teórica, mas a realidade.

Interrogante: Dizeis que devemos estar alerta e vigilantes em todos os momentos, e que esta vigilância não é o mesmo que a introspecção. Por favor, explicai esta diferença.

Krishnamurti: Entre o apercebimento e a introspecção há uma diferença. Introspecção é uma espécie de auto-análise em que o pensamento está medindo sua própria ação e seus resultados, de acôrdo com prazer e dor, recompensa e castigo, assim formando um juizo, um padrão. Isto é, tendo examinado a ação do passado, o pensamento procura executar o que aprendeu através da presente ação, determinando, assim, como agirá no futuro. Observai o que se passa enquanto tentais analisar-vos. Estais sempre analisando uma ação passada; não podeis analisar uma ação que está sendo vivida. Se fizesteis alguma coisa que causou dor ou conflito, desejais compreendê-la afim de não mais agirdes de modo idêntico. Assim, quando fazeis isto, estais apenas tentando compreender uma ação passada, uma ação morta, com intenção presente, esperando produzir um resultado futuro. Isto é, o pensamento está ocupado, neste processo introspectivo, com o resultado, a maneira como deverá agir.

Ora, o apercebimento é diferente. No apercebimento há somente o presente, isto é, estando apercebido, vêdes o processo passado de influência que controla o presente e modifica o futuro. O apercebimento é um processo integral, não um processo de divisão. Por exemplo, se eu faço a pergunta: "acredito em Deus?" no próprio decurso da pergunta posso observar, se estiver apercebido, o que é que me leva a fazer esta pergunta; se estou atento, posso perceber quais foram e quais são as forças em ação, que me estão compelindo a fazer esta pergunta. Então, estou apercebido das várias formas de mêdo daqueles dos meus antepassados que criaram uma certa idéia de Deus e a transmitiram a mim, e, combinando sua idéia com as minhas reações presentes, modifiquei ou mudei o conceito de Deus. Estando desperto, percebo este processo inteiro do passado, seu efeito no presente e no futuro, integralmente, como um todo.

Se estiverdes apercebidos, observareis como, pelo mêdo, surge o vosso conceito de Deus; ou, talvez, houve alguem que teve uma experiência original da realidade ou de Deus e a tenha comunicado a outrem, que, na sua avidez, fê-la sua e deu impulso ao processo de imitação. Apercebimento é o processo da plenitude, e a introspecção é incompleta. O resultado da introspecção é mórbido, doloroso, enquanto que o apercebimento é entusiasmo e alegria.

Interrogante: Aconselhais a meditação?

Krishnamurti: Tudo depende do que chamais meditação. Há muita coisa envolvida nesta pergunta. Tendes feito, alguma vez, qualquer denominada meditação? Talvez, alguns de vós a tenhais feito de uma ou de outra forma. Talvez tenhais refletido profundamente quando houve algum problema humano premente que exigisse uma resposta; isto pode ser considerado como uma forma de meditação. Por uma contínua fixidez sobre uma certa idéia, o que ajuda a eliminar outras idéias importunas, aprendereis a concentração, isto tambem é considerado como uma forma de meditação. Quereis despertar certos poderes, os chamados poderes ocultos, porque alimentais a esperança de que, possuindo estes poderes, tereis maior compreensão. Tais práticas são tambem consideradas uma forma de meditação.

Estar constantemente vigilante e apercebido, ser meditativo, é o princípio da meditação, pois, sem a verdadeira base do discernimento, a simples concentração e outras formas da chamada meditação tornam-se perigosas e não teem nenhuma significação profunda. Como indiquei, quando estiverdes apercebidos, descobrireis que a mente está procurando um resultado, uma con-

clusão, desejando uma recompensa, uma segurança. A busca de uma predeterminada conclusão não é mais meditação, porque, neste caso, o pensamento está preso na sua própria rede de imagens.

Consideremos o processo da meditação um pouco mais profundamente: É muito difícil fixar o errante o trêmulo pensamento; ele se move de um objeto de sensação para outro, de um interesse para outro. Neste processo, ficamos apercebidos da extrema sensibilidade do pensamento. O pensamento vagueia de uma série de idéias para outra, seja pelo interesse ou apenas porque é preguiçoso e indiferente. Se o pensamento apenas se abstem de vaguear, torna-se estreito, limitado e destrutivo. Se o pensamento está interessado em vaguear, então o simples controle de si mesmo é inutil, porque não descobrirá, pois está interessado na dissipação de sua própria energia. Mas, se estais interessado em descobrir *por que* ele é errante, então estais começando a discernir, a estar apercebido e, assim, há uma natural, espontânea concentração. Portanto, deveis observar primeiro que o pensamento é errático, depois discernir a causa desta erratibilidade. Quando o pensamento percebe que é indolente, preguiçoso, já está começando a ser ativo, mas dominar simplesmente o pensamento não produz ação criativa.

Quando há uma concentração natural de interesse, não o mero controle, começais a descobrir que o pensamento está num processo de constante imitação, sempre vagueando através de suas muitas camadas de memórias, preceitos, exemplos; ou, tendo experimentado uma sensação estimulante ou uma experiência durante os momentos de concentração, ele sente prazer nisto e procura vivificar esta passada sensação, mas, por esse meio, somente estultifica seu próprio processo criador; ou, afastando-se da vida diária, o pensamento tenta desenvolver várias qualidades afim de dominar suas ações quotidianas, e a vida perde a sua significação intrínseca, e o padrão torna-se mais importante.

Tudo isto é, pois, meramente uma forma de aproximação e não a meditação criativa. Se estiverdes apercebidos durante as vossas atividades diárias — quando estais conversando, passeando, ganhando dinheiro ou procurando prazer — neste apercebimento, que depende do vosso ardor, há um começo de compreensão, um amor, que não está às ordens do intelecto e da emoção. Deste modo, a meditação é um processo de apercebimento na ação. A meditação deve surgir da realidade da vida, e, assim, a meditação é um processo de auto-libertação. Meditação não é a aproximação de um modelo. A tranquilidade da mente por meio da vontade, da escolha, pode trazer certa calma, mas esta calma é da morte,

produz langor. Isto não é meditação. Mas a compreensão da escolha, que é um processo muito delicado e ardente, é meditação em que há calma sem nenhum traço de langor ou contentamento. É necessário haver na meditação vigilância e discernimento. Meditação é um processo de plenitude, de totalidade, e não uma série de consecuções que culminem na realidade.

Interrogante: Que influência tem o regime alimentar, sobre a inteligência ou o processo mental?

Krishnamurti: Muita, certamente. A compreensão da realidade não depende, necessariamente, da espécie de alimento que ingerimos; podemos ser vegetarianos e ser viciados e estúpidos, ou comedores de carne e ser inteligentes no mais amplo sentido. Comer em excesso é indício de estupidez; alimento moderado e racional é necessário para alertar o pensamento. Jejuar em demasia tambem embrutece a mente. Não se deixar encolerizar, não escarnecer nas nossas conversas, não ser cruel e obstinado, não lisonjear, não aceitar adulação, tudo isto é mais importante do que a consideração sobre o que devemos comer. Os pensamentos e sentimentos são de primordial importância. Asseio de ali-

mento não é pureza de pensamento. Mais uma vez começamos erradamente, pelo exterior, esperando alcançar este estado de paz interior que não pode ser realizada pela simples alteração do ambiente. Esperamos obter a paz psicológica por meio da disciplina e da renúncia, pela imitação e isolamento; começamos pela periferia, esperando criar a paz interna e a compaixão, quando devemos começar pelo centro, o centro do qual surge o conflito e a tristeza. Precisamos ficar apercebidos do processo da ansiedade e de suas expressões exteriores; ao discernirmos estas há uma restrição natural, não imposta pelo mêdo.

VIII PALESTRA

Estamos todos bem apercebidos do caos pavoroso e da miséria que existem na atualidade, não somente no mundo que nos cerca como tambem em nós mesmos. Deve haver, para este problema, uma solução completa. Certos grupos e sistemas de pensamento sustentam que somente sua panacéia particular resolverá o problema. Qualquer remédio parcial para a complexidade da vida, por mais facil e lógico, deve inevitavelmente trazer, na sua aplicação, outras complicações. Vejamos se não podemos achar uma solução completa para este problema, que é econômico, psicológico e espiritual. Precisamos compreender esta luta, este sofrimento, tão extensamente quanto é possivel, não de modo parcial, mediante as limitações de qualquer sistema particular; precisamos ter mente livre que seja capaz de enfrentar o problema como um todo.

Deve haver alguma causa para esta confusão e miséria, não somente em nós mesmos como

tambem em nossas relações com o gênero humano, a que chamamos sociedade. Se compreendermos a causa fundamental, então talvez este problema seja resolvido para sempre.

Consideraremos dois modos diferentes de abordar o problema do conflito e da tristeza. Somente por conveniência faremos esta divisão artificial. Um é o modo de abordar o problema pelo exterior e o outro pelo interior. Se tentarmos resolver o problema da luta e da dor, a partir somente do exterior, não o entenderemos, como tambem não o compreenderemos se o tratarmos apenas considerando-o pelo interior. Apenas por amor à clareza, dividimos a vida em externa e interna, mas, para perceber o complexo problema da vida, devemos ter uma compreensão integral.

Em todas as minhas palestras, venho procurando explicar este modo integral de abordar os problemas das relações mútuas em nossa vida diária, não somente com outrem, mas tambem com o nosso trabalho e nossas idéias. Quando procuramos resolver o problema da existência pelo exterior — se é lícito assim dizer — verificamos, em breve, que deve haver uma completa mudança social e econômica; vemos que precisa haver uma eliminação das barreiras raciais, nacionais e econômicas. Percebemos tambem que precisamos libertar-nos das barreiras religiosas, com suas crenças e dogmas separativos, forma-

dores dos diferentes grupos em competição antagônica. As religiões organizadas apenas teem servido para separar o homem do homem, nunca uniram a humanidade. Se abordarmos este problema da existência pelo exterior, precisamos dar importância à instituição, à legislação, ao Estado, com seus perigos resultantes. Embora a ação do Estado possa produzir momentaneamente resultados satisfatórios, há implícito nela grandes possibilidades de corrupção e brutalidade; pois, por amor a uma ideologia, o homem sacrificará o homem.

Nesta aproximação externa, há a possibilidade de nos perdermos em uma ideologia, no serviço, no Estado, e assim por diante; esperamos, inconcientemente, que, por meio deste esquecimento, se desvaneçam as nossas próprias ansiedades, tristezas, responsabilidades e conflitos. Todavia, a despeito da tentativa de nos sacrificarmos ao exterior, ainda assim permanece o eu com suas limitadas ambições pessoais, esperanças e temores, paixões e ganância. Podemos esquecer-nos, a nós mesmos, no Estado, mas, enquanto o eu permanecer, o Estado torna-se o novo meio para sua expansão e para sua glória, e o pensamento astucioso produzirá novamente caos e miséria. A competição pelas posses se origina principalmente no poder que elas dão e o poder será sempre procurado enquanto existir o eu. A competição é a manifestação externa do

interno conflito, da ambição, inveja, e do culto do sucesso.

O outro modo de abordar o problema do sofrimento e conflito parte do interior para vencer as múltiplas causas que criam o conflito nas relações mútuas entre os indivíduos e, portanto, com a sociedade. Procuramos vencer uma causa por meio de outra, uma substituição por outra, e assim o pensamento fica emaranhado na sua própria rêde viciosa. Tentamos remover a causa do conflito e da miséria mediante simples afirmações, por meio de conclusões lógicas e racionais. Cultuamos Deus, uma idéia ou um modelo afim de nos esquecermos de nós mesmos e libertar-nos das lutas diárias mediante nosso sacrifício e amor. Existe a idéia de que o indivíduo é uma essência espiritual e que se, pela afirmação e controle constantes, puder disciplinar a emoção e o pensamento, de acôrdo com uma idéia particular, será capaz de identificar-se com esta essência espiritual e assim escapar do conflito diário na ação e nas relações mútuas. Deste modo, o padrão, a crença, tornam-se mais importantes do que a compreensão da vida. Há sempre competição entre grupos religiosos; seus chefes pensam em termos de conversão e, assim, não podem unir-se. Atrás do peso da tradição, fuga e adoração, há sempre o eu com seu mundanismo, amor possessivo e ânsia pela sua própria imortalidade.

Embora possamos tentar perdermo-nos ou esquecer a nós mesmos em crenças e dogmas, não obstante, por detrás desse esforço há um intenso desejo pela plenitude, pela integridade. Sem a compreensão total desta ansiedade é inteiramente vã a simples mudança ou multiplicação de crenças e dogmas.

Há uma resposta completa para o problema do sofrimento e do conflito, a qual não se baseia nem no dogmatismo nem em teorias. Só podemos achar esta resposta quando, partindo do centro, abordamos o problema integralmente; isto é, precisamos compreender o processo do eu em suas relações com outrem, com a ação e com a crença. A completa solução do nosso conflito e tristeza está na transformação espontânea do processo do eu, feita de maneira inteligente e sensata, sem compulsão. Como nós, em maioria, temos pouca disposição para concentrar o pensamento na alteração fundamental do centro, a legislação e as instituições obrigam-nos a ajustarmo-nos a um modelo exterior na esperança de alcançarmos a harmonia social, embora isto não consiga extirpar a causa do conflito e do sofrimento. A compulsão não cria compreensão, quer venha de fora quer de dentro.

A resposta completa para este problema do conflito e sofrimento está na compreensão do processo da ânsia, não pelo simples controle e introspecção, mas sim pelo apercebimento de

sua expressão em nosso pensamento e ação diários. Isto é, ao tornarmo-nos apercebidos da ganância, do amor possessivo e do desejo pela continuidade pessoal, surge um entendimento compreensivo, sem o conflito da escolha. Isto exige uma aproximação experimental e uma aplicação vigorosa. Como, em maioria, somos indolentes, as influências que nos cercam e as imposições exteriores, tais como valores, tradições, opiniões, dominam nossas vidas e, assim, conservam nosso pensamento em servidão.

A não ser que compreendamos inteiramente e assim transcendamos o processo da ansiedade, por melhor que o processo externo seja planejado e posto em ordem, o interno vencerá o externo produzindo desordem e confusão. Por mais cuidadosa e sensatamente que se procure organizar as condições sociais e econômicas, enquanto o pensamento individual for aquisitivo, ambicioso e procurar segurança para si mesmo, tanto aquí como no além, as melhores disposições sociais serão constantemente desintegradas. O interno está sempre ultrapassando o externo e, até transcendermos a ansiedade, a ordem social embora superficialmente bem arranjada é vã.

Como indivíduos, devemos dirigir nosso pensamento para aquela libertação em que não há o sentimento do eu, a libertação do eu. Esta liber-

tação do eu só pode ser alcançada quando compreendermos o processo da ânsia como aquisividade, amor possessivo e imortalidade pessoal. Pois o mundo é a extensão ou projeção do indivíduo, se o indivíduo espera da autoridade e legislação para produzir uma mudança drástica em si mesmo, será aprisionado num círculo vicioso de irreflexão, do qual não há libertação.

O pensamento, por meio de um apercebimento constante e alerta, deve libertar-se do mundanismo e discernir entre ganância e necessidade; o pensamento precisa liberta-se do amor possessivo e amar completamente, sem temor e sem lembrar-se de si mesmo; o pensamento deve libertar-se do desejo de imortalidade pessoal, através da propriedade, família, raça ou da continuação individual do eu. Enquanto a ansiedade, expressando-se por estes três modos complexos, fôr o motivo da ação, a paz e a unidade humana não podem ser realizadas. Quando o pensamento não está condicionado pela aquisividade, amor possessivo e pelo desejo de continuação pessoal, há o verdadeiro desinteresse que, só ele, pode produzir uma ordem social mais feliz e mais sensata. Isto depende de cada um de nós, e cada um de nós tem de tornar-se ativa e discernidamente apercebido das expressões do eu, e assim libertar o pensamento de sua escravidão.

I n t e r r o g a n t e : Pode o esforço contínuo na meditação conduzir ao pleno apercebimento?

K r i s h n a m u r t i : A simples concentração sobre uma idéia, uma imagem, uma virtude, sem o verdadeiro discernimento, conduz à esterilidade do pensamento e à destruição do amor. O discernimento vem pelo constante apercebimento do nosso pensamento, conversa e ação diários; sem este verdadeiro elemento corretivo a meditação se torna uma fuga, uma fonte de decepção. Sem compreensão e amor, qualquer amor, qualquer forma de meditação deve conduzir à ilusão; sem o verdadeiro apercebimento, qualquer forma de meditação é uma fuga à realidade.

Quando há apercebimento, observamos que o pensamento está sempre se aproximando de um modêlo, de uma lembrança, de uma passada experiência; está se medindo por uma opinião ou um padrão. Embora a mente possa rejeitar modelos, padrões e valores externos, contudo pode ainda apegar-se à sua própria assim-chamada experiência; esta experiência, sem verdadeiro dicernimento, pode ser a continuação do pensamento estreito e preconcebido, e, a menos que a mente se liberte das suas prisões, a meditaçãc somente reforça a sua própria limitação. Assim, pelo apercebimento vigilante do pensamento, conversa e ação diários, o pensamento deve li-

bertar-se dos seus grilhões; esta libertação é o começo verdadeiro da meditação.

Quando o pensamento está ocupado com a aproximação, então está interessado na consecução, no sucesso, e, assim, não mais é capaz de verdadeiro discernimento, pois o desejo de ganhar, de atingir, brota do mêdo que impede a verdadeira percepção. O mêdo não pode produzir compreensão, mas, tornando-nos intensamente apercebidos das causas do mêdo na nossa vida diária, nascem o interesse e o discernimento. O interesse é a concentração natural sem o conflito dos desejos opostos. Forçamo-nos a concentrar-nos sem este interesse, e assim a concentração torna-se artificial, dolorosa, e não tem significação profunda. A compreensão não vem pela compulsão ou pelo simples controle, mas por um constante e ávido apercebimento dos nossos pensamentos e atividades, da nossa conversa e trabalho quotidianos. A meditação deve surgir deste apercebimento. O cultivo dos assim chamados poderes ocultos, transes, etc., é de muito pouca importância. Sem o verdadeiro discernimento, a simples concentração sobre imagens, padrões e ideais não conduz à compreensão. A tranquilidade criadora da mente é necessária para a compreensão da realidade.

Interrogante: Estais numa posição feliz; tudo quanto necessitais vos é dado por

amigos. Nós, porém, temos de ganhar dinheiro para nós e nossas famílias, temos de lutar com o mundo. Como podeis nos compreender e ajudar?

Krishnamurti: Cada um de nós tem que lutar com algum ambiente particular. Cada um tem suas próprias limitações e tendências, onde quer que esteja sua esfera de existência. Ter inveja de outrem não nos ajuda a compreender as dores e tristezas de nossa própria vida; ser invejoso é parte da nossa herança, parte da nossa estrutura social. Se sucumbirmos às nossas limitações, então não haverá possibilidade de compreendermos outrem; mas, se nós, onde quer que nos achemos, procurarmos ardentemente compreender nosso ambiente e libertar o pensamento das nossas tendências particulares e limitadas experiências, então compreenderemos a vida como um todo, e não seremos impedidos pelos preconceitos, tradições e valores do nosso ambiente particular.

Quaisquer que possam ser as circunstâncias da nossa vida, temos de as compreender e, assim, transcendê-las. O pensamento precisa penetrar profundamente em seus próprios estados concientes e subconcientes e libertar-se daquelas influências e restrições que o tornam pessoal, ganancioso, possessivo e cruel. A verdade é para ser compreendida em nossos pensamentos, con-

duta e atividades diárias. É tolice ter inveja de outrem, pois outrem somos nós mesmos.

I n t e r r o g a n t e : Em uma das vossas recentes palestras salientastes a importância da ação. É de tremenda importância o que faço?

K r i s h n a m u r t i : Disse que se o pensamento fôr limitado por memórias, tradições, preconceitos, pelo passado, então qualquer ação que dele brotar só pode criar mais ignorância e tristeza. Se pensarmos em termos de uma raça ou religião particular, tal pensamento deve ser limitado, separativo. Como indivíduos, podemos, de maneira sensata e deliberada, nos dedicar a libertar o pensamento das causas que produzem limitação. Por consequência, o que pensamos e fazemos tem grande importância. Assim, se agirmos impensadamente, aumentamos e perpetuamos a limitação e a tristeza. Mas, ao tornarmo-nos apercebidos do passado e das causas do condicionamento, se estivermos interessados e, portanto, concentrados, podemos libertar o pensamento das suas limitações. Isto exige ardente e integral apercebimento. Tambem sois o mundo, e, pela vossa ação ou inação particular, podeis aumentar ou ajudar a diminuir a ignorância do mundo.

I n t e r r o g a n t e : Sendo ambicioso, destruo o meu propósito?

K r i s h n a m u r t i : Se o nosso objetivo é o produto do desejo de auto-engrandecimento, conciente ou inconciente, a ambição, para conseguí-lo, é necessária. Tal ambição, sendo a expressão da ansiedade pelo sucesso pessoal, deve produzir ação anti-social e tristeza nas relações humanas. Precisamos compreender a significação básica da ambição; a ambição é um ardente desejo pelo sucesso e distinção pessoais, que na ação se torna competidor e cruel. Atribuimos tanta importância à auto-expressão sem compreender plena e profundamente o que é que está sendo expresso. Na sociedade moderna, ser ambiciosamente auto-expressivo não é considerado ser anti-social e sim honroso. Esta forma de ambição é condenada pelos que são ambiciosos espiritualmente; isto é, condenam o mundanismo, mas, ainda anseiam pela consecução e sucesso em outras esferas. Ambas estas formas de ambição são idênticas, ambas implicam a expansão do eu.

Assim, a menos que não compreendamos a significação da auto-expressão, seu propósito e sua ação, a mera aspiração de um ideal torna-se uma forma sutil de auto-engrandecimento. A não ser que vejamos a significação interna da

ânsia, a simples legislação exterior e as promessas religiosas não podem reprimir o desejo de domínio, de poder pessoal e de sucesso. Ao tornarmo-nos intensamente apercebidos do processo da ansiedade, com suas inúmeras ambições e esforços, nasce não somente a vontade de refreiar, mas tambem a compreensão cuja expressão criadora não pertence ao eu.

Interrogante: Gostaria de devotar minha vida a despertar nos homens o desejo pela libertação. Vossas dissertações — escritos — me parecem ser o melhor conjunto de meios para este fim, ou deve cada um desenvolver sua própria técnica?

Krishnamurti: Antes de despertarmos outrem devemos estar certos de que nós mesmos estamos despertos e vigilantes. Isto não quer dizer que devemos esperar até sermos livres. Estamos livres a partir do momento em que começamos a compreender e a transcender as limitações do pensamento. Antes de principiarmos a pregar o apercebimento e a libetação a outrem, o que é relativamente facil, precisamos começar por nós mesmos. Em vez de converter outros à nossa forma particular de limitação, devemos começar a nos libertar da pequenez e estreiteza de nosso próprio pensamento.

I n t e r r o g a n t e : Dissestes, se bem me lembro, que precisamos abordar o problema da insuficiência interna. Como podemos atacar este problema?

K r i s h n a m u r t i : Porque acumulamos coisas, propriedades, etc.? Internamente, há pobreza em nós e, assim, procuramos enriquecer-nos através das coisas mundanas; este enriquecimento próprio produz desordem e miséria social. Observando isto, certos Estados e seitas religiosas proibem aos indivíduos a posse de propriedades e o mundanismo, mas aquela pobreza interna, aquela dolorosa insuficiência ainda continua e precisa ser preenchida. Deste modo o pensamento procura e anseia pelo enriquecimento em outras direções. Se não achamos riqueza nas posses, tentamos achá-la nas relações mútuas ou nas idéias, o que conduz a muitas desilusões. Enquanto existir ansiedade deve haver esta dolorosa insuficiência; sem compreendermos o processo da ansiedade, a causa, a nossa tentativa para combater o efeito, a insuficiência, nos leva a ficarmos perdidos nas suas complicações. Ao tornarmo-nos apercebidos da falsidade da suficiência acumulativa, o pensamento começa a libertar-se das posses que acumulou para si mesmo pelo temor e falta de integridade. A plenitude, a inteireza não é agre-

gação de muitas partes ou a expansão do eu; é para ser realizada por meio da compreensão e do amor.

Interrogante: Quereis explicar mais uma vez a relação entre apercebimento e auto-análise?

Krishnamurti: Penso que expliquei isto no último domingo, mas, foi na semana passada.

Para a maioria das pessoas é dificil manter a concentração, com interesse, por mais ou menos meia hora. Acresce a esta dificuldade que muitos estão ansiosos por tomar notas, e a menos que não sejam peritos, não podem escutar com atenção enquanto tomam notas. Estas palestras serão impressas, assim, é mais importante ouvir agora do que tomar notas. Não tomarieis notas se estivesseis ouvindo interessadamente um amigo.

O objetivo destas palestras tem sido, não oferecer um sistema de pensamento, mas, ajudar cada um de nós a ficar apercebido de nós mesmos, em nossa ação diária e relações mútuas, e, deste modo, discernirmos naturalmente nossos preconceitos, temores e desejos; por meio deste apercebimento, há uma concentração natural induzida pelo interesse, que produz vontade de conter-se; esta vontade não é o resultado do simples temor e controle, mas da compreensão.

14 de Julho de 1940.

NOTAS SOBRE AS DISCUSSÕES EM SARÓBIA, 1940

Opiniões, ideologias e teorias estão dividindo o mundo; não é possivel qualquer concordância enquanto, de qualquer forma, nos ligarmos a elas, pois causam a irreflexão e a obstinação. A concordância só é possivel quando tivermos o pensamento desembaraçado delas, e experimentarmos por nós mesmos. Se o nosso pensamento está pervertido, não podemos concordar; e quando a experiência é direta e genuina não pode criar contenda. Para sermos capazes de uma experiência original, precisamos rejeitar as muitas prisões, as influências que limitam nossos pensamentos e sentimentos, e tentaremos fazer isto durante esta reunião. Isto é essencial e só é possivel se cada um de nós ficar apercebido e compreender os elementos componentes que criam a parte mais recondita, o eu.

Precisamos conhecer o material antes de podermos transformá-lo. O material é o estado intelectual e emocional de nosso ser, bem assim

o religioso, o artístico, o científico e o físico. Qualquer forma de limitação deve ser um obstáculo à plenitude. Para esta tentativa é necessária uma profunda e vasta inteligência. Inteligência é a descoberta individual do que é de primordial importância e a capacidade para conseguí-lo.

Se procurarmos o caminho do conhecimento — "o que eu devo saber" — temos de submeter-nos à autoridade, que deve engendrar mêdo e várias formas de idolatria; e, assim, mestres, guias, intermediários e sacerdotes, em diferentes formas, tornam-se necessários. Este caminho é o do intelecto, e qualquer ação proveniente da mera busca de conhecimento deve ser imitativa e não libertadora. Neste caso, a ação deve conformar-se com um padrão preconcebido ou conhecimento que impede a experiência direta. Mas, se fizermos esta pergunta a nós mesmos: — "o que posso fazer?" — então a experiência direta é conhecimento e este conhecimento não é um processo limitador. Com a ação vem o conhecimento que não é imitativo, e sim libertador. A deligência sobre o que eu posso saber destrói a auto-confiança, mas a deligência sobre o que eu posso fazer — cria a auto-confiança que é essencial para a compreensão da realidade, o que eu posso fazer com relação à vida — coisas, pessoas e idéias.

* * *

A ganância, em suas muitas formas, coloca o homem contra o homem produzindo desunião e contenda. Coordenação e equilíbrio são necessários para a plenitude; o simples controle ou a recusa dos objetos do desejo não liberta o pensamento da ganância e da inveja. Somente pela compreensão do processo do desejo, ao tornarmo-nos apercebidos dele, há possibilidade do pensamento libertar-se. O apercebimento não é a simples análise ou o auto-exame. A meditação é a concentração interessada, o apercebimento, em que o conflito dos opostos cessa.

* * *

A ganância produz inveja e ódio. A imitação é o resultado da inveja. Nossa estrutura social é baseada na inveja e na imitação. Uma das muitas causas de divisão na sociedade é a inveja e o desejo de sucesso; cada um está imitando outrem acima de si. Muitos de nós desejam pertencer à classe dos socialmente eleitos. Este processo imitativo conserva a divisão social que prossegue de geração em geração.

Esta mesma atitude e ação existem no denominado reino espiritual. Lá tambem pensamos em termos de progressiva consecução hierárquica. Tal atitude nasce da ganância e da inveja, as quais produzem imitação e alimentam o temor; a idéia de que, em algum dia, vos tornareis um Mestre ou um Ser ainda mais elevado é se-

melhante à de vos tornardes futuramente um Cavalheiro ou um Duque. Isto é repulsivo e não enobrece um homem de pensamento.

Há expansão, crescimento, na ganância e na inveja, mas não na libertação delas. Pode haver crescimento ou evolução no exterior, na periferia, mas não no que é verdadeiro. A libertação da cubiça e da inveja não é progressiva; estais ou não libertos delas. Esta libertação não é o resultado da evolução, crescimento. Se compreendermos a necessidade absolutamente disassociada da cubiça, da ansiedade e da inveja, então os conflitos sociais e pessoais cessam, e o pensamento liberta-se do mundanismo.

O que posso fazer a respeito das minhas necessidades? Acharemos a resposta quando fizermos a nós mesmos a pergunta: Como podemos libertar o próprio pensamento da ganância, a começar do centro e não apenas do exterior? Em primeiro lugar precisamos estar concientes ou apercebidos de sermos gananciosos, invejosos ou imitadores; depois, tambem apercebidos das reações opostas. Isto é, estar apercebidos da toda a vontade forte de desejos transbordantes, cultivados através de gerações, que teem um momento culminante, muito forte; e ainda precisamos tornar-nos apercebidos da vontade de refreiar, de abstermo-nos, a qual tem sido tambem cultivada sob o influxo das injunções morais e religiosas. Nossa mente é o campo de ba-

talha destas duas forças opostas, de querer e de não querer. Esperamos que buscando e cultivando um oposto, possamos transcender todos os opostos; o que é alcançado pela cultura dos opostos está ainda dentro do oposto, embora possamos pensar que o estado que alcançamos transcendeu os opostos.

Há dualidade, bem e mal, ganância e não ganância. Sendo gananciosos, a cultura do oposto não liberta da ganância, nem o pensamento transcende um oposto mediante a cultura do seu oposto. O pensamento só pode libertar-se dos opostos, da dualidade, quando não estiver preso neles e for capaz de compreender o que é, sem a reação do oposto. Isto é, sendo invejosos, a cultura do oposto não liberta o pensamento da inveja, mas se não reagirmos em oposição e formos capazes de compreender o processo da inveja, então há uma definitiva libertação dela. Há uma libertação da ganância no próprio íntimo e não apenas exteriormente... Esta experiência é verdadeiramente religiosa e todas as experiências de opostos são anti-religiosas.

* * *

Toda mudança comparativa é uma mudança em resistência; todo pensamento e ação comparativos não nos libertam das influências limitadoras. Não é pela simples mudança exterior que se consegue a libertação da ganância, da inveja

e da imitação, mas pela compreensão e quando transcendemos a vontade dos desejos transbordantes, o que produz permanente transformação no mais íntimo do ser... As relações mútuas entre pessoas dividem-se — embora não haja realmente tal divisão — em superficiais e profundas; em contacto superficial e contacto de interesse e afeição.

* * *

O amor está envolto pelo mêdo, pela possessividade, pelo ciume e por tendências peculiares herdadas ou adquiridas. Temos de nos tornar apercebidos de todas estas barreiras e só podemos fazê-lo, mais eficaz e significativamente, nas relações mútuas, tanto superficiais como profundas. Nas relações mútuas, o eu geralmente forma o centro de onde a ação se irradia. Não pode haver compaixão se o pensamento está pervertido pelo partidarismo, pelo ódio, pelos preconceitos de classe, de religião, de raça, etc.

Todas as relações mútuas tornam-se, se o permitirmos, um processo de auto-revelação; mas, nós, em maioria, não nos permitimos descobrir o que somos, porque isto envolve sofrimento. Em toda relação mútua há o eu e o outro; o outro pode ser um ou muitos, a sociedade, o mundo.

Pode haver individualidade, no sentido mais amplo e profundo, se *pertencermos* à sociedade?

Que é a sociedade? Os muitos, argamassados juntos pela necessidade, conveniência, afeição, ganância, inveja, temor, padrões, valores, imitação, isto é, ligados, essencialmente, pela ansiedade; os muitos com suas organizações e instituições peculiares, religiões e moralidades. Se nascemos Hindús somos educados em um certo ambiente social e religioso, com seus dogmas e preconceitos especiais. Enquanto permanecermos condicionados como Hindú, estamos identificados, concientemente, com uma raça particular, uma classe, um conjunto de idéias, e assim não somos realmente um indivíduo. Embora dentro daquele limitado condicionamento chamado Hinduismo, possamos lutar para alcançar, para criar; embora possamos ter uma finalidade funcional que nos dê um sentido de independência, de utilidade e importância, todavia, dentro do círculo da sua influência condicionada, não pode haver verdadeira individualidade.

O mundo está fragmentado nestas diferentes formas de grupos restritos: Hindús, Ingleses, Alemães, Chineses... etc., cada qual lutando, matando ou coagindo os demais. Só é possivel sermos um verdadeiro indivíduo, no mais elevado sentido, quando não estivermos identificados com qualquer condicionamento especial. O conflito da sociedade está entre os que se estão libertando da massa, de uma identificação particular, e aqueles que ainda fazem parte de um

grupo particular. Os que escapam das influências e limitações particulares são logo deificados, presos ou abandonados.

As relações mútuas constituem um processo de auto-revelação e libertação. Enquanto estivermos encerrados dentro do círculo da limitação é vão inquirir sobre a alma, a realidade, Deus, imortalidade, pois que todas estas palavras, imagens e idéias pertencem ao mundo do ódio, da ganância, do temor e da ansiedade. Quando nos libertarmos da sociedade, grupo, raça, família, e de todos os condicionamentos separativos, e nos tornarmos um ser indivisivel e integral, os problemas que agora atormentam os cidadãos pertencentes às condições particularizadas terão perdido completamente sua significação. Enquanto o homem pertencer a grupos particulares, classes, credos, deve haver antagonismo, guerra e não pode haver amor.

* * *

O pensamento individual está influenciado e limitado pela sociedade e por tendências herdadas e adquiridas. Estas tendências se manifestam nas relações mútuas, quer superficiais, quer íntimas. Ao ficarmos apercebidos delas, e não cingidos à auto-análise, o pensamento se liberta sem cair em outras formas de estreiteza e pequenez. Isto requer vigilância interessada e discernimento claro. Este discernimento não é

comparativo, nem é o resultado da escolha. O intelecto, instrumento da ansiedade, é, por si próprio, estreito, condicionado e, por isso, tudo o que ele escolhe está sujeito a ser tambem limitado.

Necessitamos de coisas para nossa existência física e essa necessidade é natural, não prejudicial; mas, quando as coisas se tornam necessidades psicológicas, surgem a ganância, a inveja, a imitação, das quais resultam o conflito e os desejos não naturais. Se "necessitamos" de pessoas, há então uma dependência delas. Esta dependência se manifesta pela possessividade, temor e domínio. Quando utilizamos pessoas, como usamos coisas inanimadas, conciente ou inconcientemente, para satisfazer nossa ânsia de conforto ou segurança, cessam as verdadeiras relações mútuas. Então tais relações, superficiais ou profundas, deixam de ser um processo de auto-revelação ou de libertação.

* * *

O amor é a única e permanente resposta para os nossos problemas humanos. Não devemos dividir o amor artificialmente, em amor de Deus e amor do homem. Há somente amor, mas o amor está cercado por várias barreiras. Compaixão, benignidade, generosidade e bondade não podem existir se não houver amor. Sem

amor todas as virtudes tornam-se cruéis e destrutivas. Ódio, inveja e má-vontade impedem a plenitude do pensamento-emoção, e somente nesta plenitude pode haver compaixão e esquecimento.

As relações mútuas agem como um espelho refletindo todos os estados do nosso ser, se o permitirmos; mas não consentimos nisso porque queremos ocultar-nos a nós mesmos; a revelação é dolorosa. Nas relações mútuas, se estivermos apercebidos, ambos os estados, o conciente e o inconciente, são revelados. Esta auto-revelação cessa quando nos "utilizamos" das pessoas como necessidades, quando "dependemos" delas, quando "as possuimos". Na maioria das vezes, as relações mútuas são utilizadas para encobrir nossa pobreza interior; tentamos enriquecer esta pobreza psicológica apegando-nos uns aos outros, adulando-nos uns aos outros, limitando o amor uns aos outros, e assim por diante. Há conflito nas relações mútuas, mas ao invés de compreendermos a sua causa e, assim, transcendê-la, procuramos escapar dela buscando uma satisfação em qualquer outra parte.

Usamos nossas relações com as pessoas, com a sociedade, como usamos as coisas, para encobrir nossa superficialidade. Como vencer esta superficialidade? Vencer somente nunca é transcender, pois o que é vencido apenas toma outra forma.

A pobreza do ser revela-se quando tentamos vencê-la revestindo-a com possessões, com o culto do sucesso e, mesmo, com virtudes. Assim, as coisas, a propriedade, passam a ter grande significação; a classe, a posição social, o país, o orgulho de raça, assumem grande importância e devem ser mantidos a todo o custo; visto que se tornam vitais o nome, a família e a sua continuidade.

Ou então tentamos encher este vácuo com idéias, crenças, credos e fantasias; pois a opinião, a boa vontade e a experiência dos outros tomam poderosa importância; assim, as cerimônias, os sacerdotes, mestres, salvadores tornam-se essenciais e destróem a auto-confiança; por isso a autoridade é cultuada.

Deste modo, o temor do que somos cria ilusão, e a pobreza do ser continua. Mas, se nos tornarmos intensamente aparcebidos destes indícios em nós mesmos, tanto no conciente como no inconciente, então, mediante intenso discernimento, surge um estado diferente que não tem relação com a pobreza do ser. Dominar a superficialidade é continuar a ser superficial.

A auto-análise e o apercebimento são duas coisas diferentes; uma é mórbida, enquanto que o apercebimento é alegre. A auto-análise tem lugar depois que a ação passou; além desta análise a mente cria um padrão a que a futura ação é forçada a se conformar. Assim surge uma ri-

gidez de pensamento e ação. A auto-análise é a morte e o apercebimento é a vida. A auto-análise somente conduz à criação de modelo e à imitação, e assim não há libertação do cativeiro e do malogro. O apercebimento está no momento da ação; se estamos apercebidos entendemos compreensivamente, como um todo, a causa e o efeito da ação, o processo imitativo do mêdo, suas reações, etc. Este apercebimento liberta o pensamento das causas e influências que o limitam e prendem, sem criar mais cativeiro, e assim o pensamento torna-se profundamente flexivel, o que é ser imortal. A auto-análise ou a introspecção tem lugar antes ou depois da ação, preparando, assim, o futuro e limitando-o. Apercebimento é um constante processo de libertação.

* * *

Devemos aproximar-nos da vida, não com a idéia do que posso saber, mas com a do que posso fazer. O caminho do que posso saber leva ao culto da autoridade, mêdo e ilusão; mas na compreensão do que eu posso fazer há auto-confiança que somente traz mais sabedoria.

De que fonte vem o nosso processo de pensamento? Porque julgo que vivo separado? Estou realmente separado? Antes de podermos transcender o que somos, precisamos primeiramente compreender nós mesmos. Assim, o que

sou? Posso saber isto por mim mesmo, ou devo confiar no conhecimento dos outros? Confiar em outrem é rolar na opinião alheia; o acolhimento da opinião, da informação, baseia-se na simpatia ou antipatia, o que conduz à ilusão. Estou realmente separado? Ou há apenas uma variação, modificação, na ansiedade central ou no temor, expressando-se de diferentes modos? A expressão da mesma ansiedade fundamental, da ignorância, do ódio, do mêdo, da afeição em diferentes modos, far-nos-á verdadeiramente diferentes, verdadeiramente individuais? Enquanto estivermos expressando ignorância, embora diferentemente, seremos essencialmente os mesmos. Então, porque nos separarmos em nações, em classes, famílias, e porque nos preocuparmos com a nossa alma, nossa imortalidade, nossa unidade? Enquanto nos apegarmos à separatividade da expressão da ignorância, do temor, nunca pode haver a união permanente da humanidade.

Separatividade é uma ilusão e uma vaidade. Pensar de mim mesmo como um ser separado, diferente em conciência, é identificar-me com a ignorância fundamental; apegar-me aos meus sucessos, ao meu trabalho, à minha alma, é continuar na ilusão. O que somos? Somos o resultado de nossos pais que foram iguais a seus pais, influenciados e limitados pelo clima e pelos valores sociais e psicológicos baseados na igno-

rância, no temor e na ansiedade. Nossos pais nos transmitiram estes valores. Somos o resultado do passado; nossos pensamentos são as crenças, idéias e esperanças dos nossos antepassados, em combinação com a ação e reação presentes. Nutrimos ilusão e tentamos achar unidade, esperança, amor nela. A ilusão jamais pode criar a união humana nem despertar aquele amor, o único que pode trazer paz. O amor não pode ser transmitido, mas podemos experimentar sua imensidade se pudermos libertar-nos dos nossos preconceitos, temores, ganância e ansiedade.

Estamos interessados em coisas, pessoas e continuidade pessoal. Continuidade em diferentes formas: continuidade pelas coisas, propriedades, família, raça, nacionalidade; continuidade por ideais, crenças, dogmas. A ansiedade pela imortalidade pessoal produz temor, ilusão e o culto da autoridade. Quando a ânsia de imortalidade pessoal cessa, em todas as suas formas, há um estado de imortalidade.

Que é a nossa mente? Que é o nosso processo de pensamento? Qual o conteudo da nossa conciência e como foi criado? Percepção, contacto, sensação e reflexão conduzem ao processo da simpatia e antipatia, apego e desapego, eu e não-eu. A mente é o resultado da ansiedade; e o intelecto, o poder de discernir, escolher, é influenciado e limitado pelo passado em combinação com a ação e a reação presentes. Assim,

o próprio instrumento do discernimento é astutamente pervertido. O pensamento precisa libertar-se, por si mesmo, do passado, das acumulações e instintos auto-protetores; o intelecto precisa corrigir a sua própria sinuosidade licenciosa.

* * *

Qual é a origem do nosso pensamento? A vista, o tacto, o sentimento, a reflexão. Gôsto e desgôsto, prazer e dor, os muitos pares de opostos são o resultado da reflexão; o desejo pela continuidade de alguem e a repulsa por outrem são partes da reflexão. Sensação e ansiedade dominam a maior parte do nosso pensamento. Nosso pensamento é influenciado e limitado pelas passadas gerações de pessoas que, em seu sofrimento, em suas alegrias, em suas aspirações, em suas fugas, no seu temor à morte, em seu desejo de continuidade, criaram idéias, imagens, símbolos que lhes deram esperança e segurança. Todas estas coisas passaram para nós. Quando empregamos a palavra alma, usamos o mesmo vocábulo por eles empregado para exprimir a sua intensa aspiração pela continuidade, por alguma coisa permanente que persiste alem da transitoriedade do físico e material. Como tambem nós ansiamos pela certeza, segurança, continuidade, apeagmo-nos à mesma palavra e a tudo que ela representa. Assim, nossa conciência — tanto o

conciente como o sub-conciente — é o repositório de idéias, valores, imagens, símbolos da raça das gerações passadas. Nossa ação e pensamento diários são controlados pelo passado, por motivos secretos, por memórias e recônditos desejos. Em tudo isto não há libertação, mas apenas a imitação contínua causada pelo mêdo.

Dentro da conciência há duas forças opostas em trabalho, que criam a dualidade — querer e não querer, dor e prazer, desejos transbordantes e desejos contidos. Instintos, motivos, valores. preconceitos, paixões controlam e dirigem a conciência.

Há na conciência alguma parte que não esteja contaminada pelo passado? Há alguma coisa original, não corrompida, em nossa conciência? Não temos de libertar o pensamento do passado, dos instintos, dos símbolos e imagens, de modo a compreender o que é incorruptivel e sem obstáculos?

O conhecido não pode compreender o desconhecido; a morte não pode compreender a vida. A luz e a treva não podem coexistir. Deus, realidade, não é para ser realizado através do conhecido. O que somos pertence ao passado em combinação com a ação e reação presentes, de acôrdo com as várias forma de influência que restringem o pensamento e através desta limitação, tentamos compreender o que está alem de toda a transitoriedade. Pode o pensamento li-

bertar-se do que é pessoal, do eu? Pode o pensamento criar de novo a si mesmo, original, capaz de uma experiência direta? Se pode, então há a realização do eterno.

* * *

Qual é o conteudo da conciência? Ambas as tendências, o conciente e o sub-conciente, valores, memórias, temores e assim por diante. O passado, as causas ocultas, dominam o presente. Não há em nós, a despeito desta conciência limitada, uma força, alguma coisa que esteja incondicionada? A afirmação de que existe é uma parte da nossa influência passada; fomos levados, através de muitas gerações, a pensar, a crer e a ter esperança de que há. Esta tradição, esta memória, é parte da nossa hereditariedade racial, parte da nossa ignorância, mas tambem negá-la, meramente, não é descobrir, por nós mesmos, se há. Afirmar ou negar, crer ou não crer que há em nós uma incontaminada essência espiritual, incondicionada, é colocar uma barreira contra a nossa descoberta do que é verdadeiro.

Há sofrimento, conflito, entre o querer e o não-querer, entre a vontade dos desejos transbordantes e a vontade de restringí-los. Deste conflito todos estamos concientes.

Quando não compreendemos a estrutura da parte recôndita do nosso ser, a causa das nossas

tendências e limitações, a experiência somente as fortalece ainda mais; porém, ao tornarmo-nos apercebidos delas, em nosso pensamento e ação diários, a experiência age como uma força libertadora.

Nem o adiamento nem a tentativa de procurar uma solução imediata para os nossos problemas humanos podem libertar o pensamento da sua prisão. O adiamento implica irreflexão e esta indolência produz teorias confortadoras, crenças e mais sofrimentos e complicações; e se o pensamento está interessado no imediato agora, com a idéia de que vivemos apenas uma vez, então há desassossego, precipitação e uma superficialidade que destrói a compreensão. Mas, sem imaginarmos um futuro ou apegarmo-nos ao passado, podemos compreender a plenitude de cada momento fluente. Então, o que é, é imortal.

Mestres, gurús, instrutores, não podem ajudar a libertar o pensamento da sua própria servidão auto-imposta e sofrimento; nem cerimônias, nem sacerdotes, nem organizações, podem libertar o pensamento das suas afeições, temores, ansiedades; tudo isto pode forçá-lo a um novo molde e dar-lhe forma, mas o pensamento pode livrar-se somente por meio do seu próprio apercebimento crítico e auto-confiança.

Percepção extra-sensorial, clarividência, poderes ocultos, não podem libertar o pensamento da confusão e da miséria; o apercebimento sen-

sível de nossos pensamentos e motivos, dos quais surgem nossa linguagem e ação, é o começo da compreensão duradoura e do amor. O simples auto-domínio, a disciplina, o auto-castigo ou a renúncia não libertam o pensamento; mas o constante apercebimento e flexibilidade dão-lhe clareza e força. Só há libertação do sofrimento ao ficarmos apercebidos da causa da ignorância, compreendendo o processo da ansiedade e seus valores duplos e opostos. Este discernido apercebimento deve principiar em nossa vida de relação com as coisas, pessoas e idéias, em nossos próprios pensamentos ocultos e na ação diária.

* * *

O modo como pensamos faz nossa vida completa ou contraditória e desequilibrada. Pelo apercebimento da ansiedade, com seu processo complexo, surge uma compreensão que traz desapêgo e serenidade. Desapêgo ou serenidade não são um fim em si mesmos. Neste mundo frenético de compras e vendas, cuja economia é baseada no desejo, a não ser que o pensamento esteja persistentemente apercebido, a ganância e a inveja trazem a confusão, o problema do conflito de posses, apêgo e competição. Nossos pensamentos e motivos secretos podem produzir harmonia em nossas relações mútuas ou perturbação e dor. Isto depende do que cada um faz das suas relações com outrem ou com a socie-

dade. Nunca poderá haver auto-isolamento, por mais que possamos ansiar por ele; as relações mútuas são sempre contínuas; ser é estar em relação.

O trêmulo e flutuante pensamento é difícil de fixar-se; o simples controle não conduz à compreensão. Só o interêsse cria domínio e ajustamento natural, espontâneo. Se o pensamento estiver apercebido de si próprio, observará que vai de um interêsse superficial para outro, e que o simples fato de retirar-se de um para tentar concentrar-se em outro não conduz à compreensão e ao amor. O pensamento precisa ficar apercebido das causas de seus vários interêsses, e, ao compreendê-los, surge um interêsse concentrado e natural, que é mais inteligente e verdadeiro.

O pensamento move-se de certeza para certeza, do conhecido para o conhecido, de uma substituição para outra, e, assim, nunca está tranquilo, sempre prosseguindo, sempre errante; esta versatilidade da mente destrói a compreensão criadora e o amor, porém estes não podem ser desejados. Eles nascem quando o pensamento se torna apercebido de seu próprio processo, de suas ansiedades, temores, substituições, justificações e ilusões. Pelo constante e judicioso apercebimento, o pensamento torna-se, naturalmente, criador e tranquilo. Nesta tranquilidade há incomensuravel bemaventurança.

Todos temos muitos problemas peculiares, própios; é somente a nossa ansiedade para resolvê-los que impede a compreensão deles. Precisamos ter este raro apercebimento desinteressado, o único que traz compreensão. Quando a morte nos causa uma grande tristeza, aceitamos, em nosso veemente desejo de vencê-la, teorias, crenças, na esperança de achar confôrto que somente se torna uma prisão. Este confôrto, embora satisfaça passageiramente, não liberta o pensamento da tristeza, apenas a encobre e suas causas continuam. Igualmente, quando nos sentimos frustrados, em vez de ansiarmos pela satisfação, devemos compreender o que é que se sente frustrado. Haverá frustração enquanto houver ansiedade; em lugar de compreendermos o que está profundamente implicado na ansiedade, lutamos ansiosamente para nos satisfazer, e assim a dor da frustração contínua.

* * *

Estas discussões não significam simples recreio intelectual. Temos discutido juntos afim de esclarecer nosso pensamento e sermos capazes de nos aplicar, mais aguda e desinteressadamente, aos problemas da nossa vida diária. É somente pela aplicação desinteressada, por extremo e judicioso apercebimento, e não seguindo esta ou aquela crença, ideologia, chefes ou grupos, que o pensamento pode libertar-se, a si mesmo, destas auto-impostas prisões e influências.

Sendo incompletos, ansiamos pela plenitude, que é apenas uma substituição, mas, se compreendermos as causas da inintegridade, então surge uma libertação consequente a esta compreensão, o êxtase que não pode ser descrito ou comparado. Precisamos começar de baixo para subir alto, começar agora para ir longe.

Todos temos de viver neste mundo; não podemos escapar dele. Precisamos compreendê-lo e não fugir dele para confôrtos ilusórios, teorias esperançosas e sonhos fascinantes. Somos o mundo e devemos inteligente e criativamente compreendê-lo. Todos nós criamos este mundo de ódio devastador, este mundo despedaçado por crenças e ideologias, religiões e cultos corrosivos, por chefes e seguidores, por barreiras econômicas e nacionalidades. Criamos este mundo pela nossa ansiedade e temôr individual, pelas nossas ambições e ignorância. Precisamos modificar-nos radicalmente, libertar-nos, nós mesmos, destas prisões, de modo que possamos ajudar a criar um mundo verdadeiramente são e feliz.

Então vivamos felizes, sem apêgo e sem inveja: amemos sem possessividade e sejamos sem má-vontade para outem: não nos separemos, nós mesmos, em grupos mesquinhos e opostos. Assim, por nosso ardente e constante apercebimento, o nosso pensamento será transformado, de limitado em completo.